Avelino Rosa

O meu Vício és tu

O Meu Vício És Tu

Avelino Rosa

Capa de

Helena Trindade

A todas(os) as(os) amigas(os),

que contribuíram para o conteúdo

e para a revisão final deste romance,

Obrigado!

Este romance assenta, sobretudo, em investigação bibliográfica, através de algumas obras de referência, da Internet e em contributos de amigos.

Os resultados são interpretados e ficcionados livremente pelo Autor, pelo que podem não corresponder exatamente nem à investigação nem à realidade.

As personagens são também ficcionadas, não assentando em qualquer situação concreta ou em quaisquer pessoas singulares.

O Autor pretende, tão só, no âmbito de um tema proposto num concurso literário – "O poder do vício" – inserir essa proposta numa perspetiva mais vasta que, em parte, povoa o sonho de todos nós.

O novo Acordo Ortográfico é respeitado, no essencial, porque não posso renegar a minha condição de jurista e, naturalmente, intérprete e cumpridor da lei.

Porém, relativamente a algumas palavras, mantém-se a grafia antiga. Noutros casos, opta-se por iniciais com maiúscula para realçar o termo ou designação, pela sua importância no contexto do romance.

Entendendo não ser necessário dar nomes às personagens, estas aparecem apenas como Ela e Ele ou Eles. Porque qualquer pessoa, com um pouco de imaginação, poderia ter vivido esta história.

Alguém, após a leitura do projeto deste romance, considerou-o naïf. Aceito a minha ingenuidade, sem reservas. Na verdade, assumo-me como tal, porque só assim me parece ser possível manter o sonho que é a razão da minha vida. E acredito mesmo que há vida no Universo, governado por Sábios que

tentam nivelar o conhecimento dos Planetas habitados. Um dia irão persuadir a Terra a seguir normas universais, nem que seja porque o nosso planeta está a ficar demasiado perigoso no sistema solar e na galáxia de que faz parte.

Sei que há uma dualidade em mim, de sonho e racionalidade. Não a cultivo, mas ela enforma a minha própria personalidade.

E sou assim mesmo. E gosto de ser. De, com ou sem razão, sonhar, imaginar, criar ou recriar, pela escrita, o meu próprio Mundo.

É por isso que este romance tem de ser lido para além das palavras e da ação. Como se nos meandros do enredo os protagonistas tentassem justificar e dar sentido à sua existência através de uma "vida" paralela -, até à realidade nua e crua que os leva ao destino previsível.

Em resumo, a realidade e o delírio misturados numa mescla de sensações e emoções sublimadas na vontade do ser para além dos factos, mergulhando na imaginação da esperança desejada.

Leia este livro consciente de que o sonho não resolve, mas ajuda a fazer-nos sentir melhores.

Avelino Rosa

A imaginação é mais importante que o conhecimento. O conhecimento auxilia por fora, mas só o amor socorre por dentro. Conhecimento vem, mas a sabedoria tarda.

Albert Einstein

1

- Estás bem?

- Sim e não. Já me custa trabalhar ao Sábado de manhã. Fico com menos tempo para ti. E venho com uma fome…

- És tão querido! Que trazes ai escondido?

- Algo de mágico. Dado pelo Juan, aquele amigo colombiano que afirma, com toda a certeza, ser descendente dos Maias. Já fumámos uns bons charros e ganzas à conta dele. Tem bons contactos, pelos vistos.

- Mas além de Marijuana e Haxixe, também te ofereceu Cocaína. E essa, por pouco, quase ia dando cabo de nós. A ressaca foi fogo…

- Felizmente ultrapassámos esses momentos difíceis, graças a ti. Ainda me lembro de que te…

- Pára! Esquece isso, por favor. O amor venceu, é o que importa. O que trazes agora?

- Cogumelos mágicos e legais. Sabes que, antigamente, já eram usados pelos curandeiros e em rituais religiosos no México, na Guatemala e na Amazónia e, ainda antes, pelos Maias?

- Que efeitos têm esses cogumelos?

- O Juan disse-me que vão desde a descontração e desinibição sexual até à euforia e a algumas alucinações, com cores intensas e som e gosto.

- Parece prometer e, de acordo com o modo de preparação, como um simples chá. Será uma viagem com sabor a História. Podemos experimentar depois do almoço…

- Combinado.

O princípio da tarde, lá fora, já era noite. Uma cortina húmida de nevoeiro formava gotículas que escorregavam lentamente pelas vidraças, precipitando-se sobre

os caixilhos de alumínio, excessivamente acumuladas de água multicolorida da luz interior.

A Coral, nona e última Sinfonia de Beethoven - rearranjada por Herbert von Karajan -, foi o som de fundo escolhido para, após um almoço ligeiro, acompanhar o *chá* especial.

A música ia cambiando entre trechos *lento, moderato e allegro*, numa dinâmica *pianissimo, piano* e *forte.* Os *timbales*, nalguns casos faziam estremecer e vibrar os objetos, ressoando, primeiro nas colunas da sala e depois nas cabeças Deles. De uma modorra quase inócua, os efeitos foram acelerando, levando à sinestesia.

Visualizavam, claramente, os membros da Orquestra. Ora pinguins com gelo a derreter das cabeça ritmadas e a formar enormes poças de água no palco, o maestro sobre um iceberg e com uma batuta de cauda de urso polar, comprida e adejando, mole e peluda…

Ora transformados em outros animais, como elefantes a servirem-se da tromba como saxofones, os papa-formigas metalizados de trompetes e lagostas que seguravam uma espécie de cavalos-marinhos com as tenazes, usando as antenas como arcos de violino sobre os filamentos ou crinas e as patas para pressionar ou dedilhar as cordas retesadas entre a cauda meia enrolada e o focinho.

Agora o maestro era um tubarão, com a boca e os dentes simulando um sorriso enigmático e uma barbatana dorsal desconforme e adelgaçada, cortando o ar com um peixe-agulha com os olhos em transe.

Depois, os executantes viravam extraterrestres, seres extravagantes e bizarros… Tudo intercalado ou misturado com imagens do filme "Laranja Mecânica" de Stanley Kubrick, sórdidas e redentoras. Chocantes e desconcertantes, sempre.

As notas saiam das pautas de cada músico em catadupa. Colcheias, semicolcheias, fusas e semifusas – com muitos sustenidos e bemóis – elevando-se no ar, empurradas pelas torrentes de notas que as precediam.

Algumas, envolvidas em bolhas de sabão, rebentavam, desaparecendo como pirilampos. Outras entravam nas bocas, escancaradas, dos cantores – que as tinham abertas por nada, já que ainda não chegara a sua vez de atuar -, acrescentando mais barriga e esticando os fraques e os vestidos pretos, fazendo temer que os botões saíssem das casas, a linha rebentasse em esforço anormal ou se rasgassem deixando à mostra a roupa interior ou mesmo o corpo deformado.

As cores mudavam a cada momento, a cada compasso, envolvendo o palco e executantes de matizes fortes – algumas invisíveis ao olho humano vulgar - e incendiavam-se quando os *timbales* ribombavam, cheirando a uma espécie de incenso, mas mais ainda a floresta queimada e suor de animais em debandada, tomados pelo medo e pânico.

E mudavam também de sabor, quase aleatoriamente, desde o açucarado do azul celeste, passando pelo avinagrado dos tons de verde, até ao picante suave do alaranjado e ao quase mortal do vermelho vivo e ofuscante.

A Ode à Alegria – poema escrito por Friedrich Schiller e cantado no quarto movimento da Nona Sinfonia de Beethoven – foi o êxtase da festa de luzes e sons, do fogo-de-artifício que percorreu todo o cenário e das alucinações que Eles experimentaram, como um filme inarrável e que atordoara todos os sentidos.

Quedaram-se, enrolados um ao outro, saboreando vagamente o final da Sinfonia com um gosto estranhamente adocicado e com imagens de pepinos distorcidas. E de nus masculinos e femininos. Dos masculinos quase apenas se via as barrigas proeminentes. Dos femininos sobressaiam os seios volumosos e descaídos.

A voz saia de entre as pernas de cada cantante, com cores e odores misturados, ora de suor mascarado de diversos tons de desodorizante, sob as camisas e vestidos empardecidas, ora de ostras, de conchas rachadas e pérolas apodrecidas.

Uma tarde de sexo estranha mas única. Fragmentada de imagens perenes, quase nítidas ou desfocadas. Suada. Acabando num cansaço extremo, abandonados a um descanso entrecortado de sono e carícias breves.

2

A noite aconteceu, com uma moinha de chuva miudinha, convidativa a uma saída retemperadora. Um duche rápido, limpando o suor que secara na pele por todo o corpo e uma visita, já programada, à Feira Medieval. O evento havia sido apresentado como pura magia, um golpe publicitário, com certeza, pensavam Eles, enquanto, ainda trôpegos e atordoados, iam entrando no recinto da Feira, nas imediações da sua casa, ao som de tambores e cantigas trovadorescas.

Uma fogueira ao centro, desafiando a humidade, iluminava o terreiro onde dois contendores, de armadura completa, arremessavam as espadas de encontro ao tronco do adversário, num som surdo de ferro a retinir. Pesados, com a respiração ofegante, e movendo-se com esforçada destreza, os *atores* pareciam sufocar.

As tendas, à volta, ficavam numa penumbra a que os olhos só se habituavam quando próximos e com a ajuda das candeias de sebo, com uma luz parca e irregular. Duas tendas, com armaduras e espadas, alugáveis, por um *denarius* ou dois *obolus* – que ficaram sem saber como se convertiam em euros -, desafiavam a experimentar a sensação de uma verdadeira peleja e mais provável desabamento como uma estátua na terra já revolvida e lamacenta.

Logo à frente surgiu uma mesa comprida de madeira, extensão de uma taberna que se iluminava nas traseiras com um braseiro sob um assador de ferro e um caldeirão de três pernas, suspenso de um gancho sobre o fogo de toros de madeira. No espeto, um javali a rodar, abrindo o apetite aos visitantes. A sopa preparada no caldeirão induzia à prova do caldo – com carnes, legumes e vinho – sobre fatias de pão, em travessas de barro escurecido pelo tempo.

A mesa era farta. Peixes salgados, aves e bocados de javali, cortados à medida que

aquele ia assando. Pão de centeio, grande e escuro, *minga*u e massa, e uma variedade de temperos, com destaque para o *vertjus* - suco verde. Vinagre, mel, açúcar e vinho em abundância – de uva, romã ou pera.

Os olhos Deles contemplavam aquelas iguarias, espantados. Haviam perdido o apetite, mas a curiosidade atiçava-lhes o palato.

- Tenho a boca seca, apetecia-me beber vinho e saborear esta comida estranha…

- Vamos experimentar.

E beberam e comeram, incluindo beterraba e grão-de-bico, com gengibre e ervas aromáticas e algumas raízes, cujos sabores se iam desvanecendo, até saciarem a curiosidade e sentirem os estômagos fartos.

Um calor crescente ia-se apoderando dos seus corpos.

As tendas por onde iam passando pouco interesse despertavam, simplesmente porque apenas visualizavam os contornos das gentes e dos objetos. Apoiados um no outro eram, afinal, mais um par de visitantes que deviam ter, naturalmente, abusado, pouco ou muito, do vinho e da aguardente.

Um martelo a bater numa bigorna, ressoando dentro das suas cabeças, prendeu-lhes a atenção. Era um Ferreiro martelando o ferro ainda vermelho das brasas sopradas pelo fole, acabando uma ferradura.

Provavelmente para o cavalo branco, com uma crina sedosa e bem escovada, que pachorrentamente parecia esperar ao lado da oficina. Uma festinha na crina e um suave relincho de simpatia foram inevitáveis.

O cavalo tinha um olhar profundo, que parecia desaguar numa espécie de mar

com matizados brancos fugazes, como a espuma de pequenas ondas prolongadas pelo azul da calmaria de um oceano desconhecido, mas chamativo.

Logo a seguir, a tenda de uma Bruxa, a avaliar pela indumentária completa e pelos diversos utensílios – punhais, copas, pentáculos… – e vários tipos de vassouras voadoras, expostos.

(- A vender vassouras voadoras? Parece que escapou à Inquisição? – Ironizou Ela.)

(- Pelos vistos…)

Apesar de cochicharem, divertidos, ao ouvido um do outro, a Bruxa parecia tê-los ouvido ou adivinhado o diálogo. Insistiu para que comprassem uma vassoura, mostrando-lhes, mais de perto, exemplares que ia retirando dos expositores da tenda e que pareciam exatamente iguais.

Mas a Bruxa assegurava que o cabo e as cerdas eram de diferentes tipos de árvores e pêlo de animais – estes mortos por caçadores furtivos. Se não quisessem voar, podiam, pelo menos, ter um adorno diferente em casa. E eram baratas e acabadinhas de fazer e enfeitiçar…

- Enfeitiçar? – Duvidou Ela, trocista.

A Bruxa levantou o lábio superior – deixando assomar a ponta da língua fendida e escura -, como num esboço de sorriso ou rito satânico.

Agora, da tenda do Ferreiro saía um fumo espesso e esbranquiçado - como se estivesse a arrefecer a ferradura já pronta em água fria – que, depressa, enevoou as proximidades.

Certificando-se que mais ninguém estava nas redondezas, a Bruxa agarrou o braço direito Dele e puxou-o para dentro da tenda. Ela, sem saber como, reagiu num simples segundo e colou-se ao corpo do companheiro, cingindo-o pela cintura.

A Bruxa levou-os para além da cortina de fundo, que abriu e fechou como num passe de prestidigitação…

3

Sentiram-se tragados por um abismo escuro, cheirando a enxofre, por onde foram caindo, sempre agarrados, transidos de medo, a respiração suspensa. Um brilho ao longe alargou-se num laranja mutante. A lava incandescente revelou-se em todo o seu esplendor. A inalação de enxofre deixava-os aturdidos, dificultando-lhes a respiração e irritando-lhes os olhos.

A tosse era incontrolável, mas não se despegavam. Agora tão fortemente abraçados que sentiam a coluna e as vértebras um do outro. Nem o calor crescente, que os derretia numa torrente de suor, os fazia desunir. Estavam quase a mergulhar na lava. Colaram ainda mais os corpos, como se a morte os devesse encontrar num ser único que, talvez, pudesse renascer ou reencarnar.

Mergulharam naquele mar vulcânico, último momento do último sopro de vida, pensaram. Porém, o calor foi dando lugar à sensação de uma massagem suave com óleo de amêndoas doces, morno e efervescente.

Não respiravam nem viam. Mas um estranho poder fazia-os sentir os cheiros e comunicar pelas mentes. Talvez tivessem morrido e aquele fosse o caminho percorrido pelos mortos para um destino final qualquer…

Empurrados para a morte numa Feira Medieval, com algum rigor mas, no geral, muito duvidosa.

E logo haviam de ter deparado com uma bruxa que, pelo aspeto, teria sobrevivido à Inquisição e até à atualidade.

Ironia a de morrerem Eles queimados. Quem sabe se ela não se teria vingado da morte das muitas outras, mesmo das que nada de bruxas tinham, mas apenas o pecado de se terem afirmado como mulheres?

Ironia maior seria a Inquisição abrir-lhes um processo por conluio com uma Bruxa, por serem pecadores e não tementes a Deus – pelo seu estatuto de união de facto -, que os transformava em hereges e perigosos violadores das regras matrimoniais e sacramentais da Santa Igreja.

E mais irónica ainda a condenação a serem queimados na fogueira. Mesmo que escapassem, nas dobras do tempo, o sacrifício *in esfingie* reduziria a cinzas as suas "imagens" – dois bonecos *asserapilhados*, feitos pela mão de um carrasco ou da sua mulher ou de uma beata qualquer atascada em vinho e aguardente ou assarapantada por evangelhos e pregações de frades barrigudos e com os hábitos e almas cheios de manchas perenes e evolutivas.

O mergulho pela lava parou de repente. Sentiram os corpos puxados por uma corrente lateral, que lhe pegava os cabelos às faces, rebolando em espiral, estonteados, até sentirem apenas uma brisa fresca que lhes perpassava os corpos e eriçava os pelos.

Tentaram abrir os olhos, mas tudo rodava à sua volta. Sentados sobre qualquer coisa felpuda, mantendo-se abraçados e os olhos fechados, sussurraram ao ouvido um do outro:

(- Achas que estamos vivos?)

(- Não faço ideia. Só sei que me sinto e sinto-te… o teu corpo, o teu calor… mas mesmo que não seja realidade e apenas um sonho ou mais uma alucinação, amo-te!)

(- Eu também, muito!)

O efeito da última parte da viagem estava a diluir-se, deixando-lhe os sentidos progressivamente despertos. Já divisavam uma Donzela nobre sentada num cadeirão, com espaldar e braços, à sua frente, que os perscrutava, parecendo indagar da sua condição física e, especialmente, do seu estado de consciência.

Eles, num banco comprido e assento de couro com pelos compridos, fixaram-lhe o rosto, a princípio desfocado depois ganhando a sua nitidez natural.

4

- Estão curiosos?

Ambos assentiram com a cabeça, ainda não conseguindo articular qualquer palavra.

A mulher, ainda jovem, apresentava-se num vestido com um pequeno decote, justo no busto, pouco volumoso, e acabando numa ampla saia. Cingia-a um cinto ornamentado com joias de diamante, sob uma túnica larga de mangas afuniladas. Na cabeça uma touca de tecido fino. Sapatos de couro sintético, quase escondidos sob a saia, completavam a indumentária.

Era uma visão para Ela, que gostava de intitular-se "estilista nas horas vagas", apesar do pouco sucesso até aí alcançado.

A Donzela levantou-se, convidando-os a acompanharem-na, primeiro a uma das janelas, que dava sobre as nuvens, raiadas por um sol enorme e poderoso, pregado num céu pintado a lápis de cor. Da outra janela avistava-se um Castelo prateado, com ameias douradas, brilhando aos raios mais incisivos do astro rei.

Regressados à sala, a Donzela continuou:

- Entendo que estejam com algum receio e a cabeça cheia de interrogações, mas era necessário esta viagem de purificação para perceberem o vosso papel no que chamam de Universo e que, não tendo limites temporais e espaciais, é finito na vossa compreensão. Eu sou a Senhora da Luz, embora haja quem me chame também de eterna sonhadora. Tento, a maior parte das vezes em vão, modificar a forma e a lógica do pensamento dos humanos, que quase não mudou ao longo dos vossos Séculos e, reconheço, que quando mudou foi quase sempre para pior. No vosso tempo atual, a evolução tecnológica é estonteante. Nem têm tempo e muito menos preparação para a

assimilar e menor capacidade ainda para a aplicarem, em toda a sua amplitude, em vosso próprio benefício. E o conhecimento é cada vez mais segmentado. Tudo isso permite a uma elite minoritária dominar o vosso Planeta, agora sobretudo através da engenharia financeira e do aproveitamento de muitos, sem escrúpulos, em favor dessa minoria cega pelo Poder, que os despreza e ao resto da Humanidade. Nada se importando com as condições de vida, desespero e morte de milhões de seres vivos. A eles apenas importa o lucro, legítimo ou, sobretudo, obtido ilicitamente, por ser mais fácil e rápido. Agem como viciados numa qualquer droga que os manieta e os faz agir como aves de rapina, em crescendo. A sua cegueira nem os deixa ver que estão a hipotecar as gerações vindouras, os seus próprios descendentes. No fundo, criaram uma cultura e filosofia suicidas, de auto deglutição, autofágica. É a condição humana no seu pior. Se esta gente continuar a mandar na Terra, o vosso planeta vai entrar, inevitavelmente, numa degradação sem retorno.

Eles estavam aparvalhados – era o termo que melhor assentava ao seu estado de espírito. Caídos no vazio do Espaço, intoxicados por enxofre, atravessando lava vulcânica e agora acima das nuvens – sabe-se lá onde -, perante a Senhora da Luz, era demasiado para simples cidadãos de um pequeno País, que já dera novos mundos ao Mundo Terra, mas que agora pouco valia na cena internacional do planeta.

Ouviam-na, espartilhados no sonho que ainda pensavam estar a sonhar, boquiabertos e numa espécie de catalepsia, simplesmente ouvindo…

- Sei como se sentem. Mas não é um sonho. É a realidade pura e dura que vocês bem conhecem, quando ouvem as notícias dos meios de Comunicação Social, quando vão aos supermercados, quando ficam desempregados e doentes, sem apoios que vos façam parecer gente, quando se refugiam em drogas destrutivas, para esquecerem e *voarem* sobre a realidade. Quando tudo parece ruir à vossa volta e não sabem nem têm

forças para reagir e se deixam morrer abandonados de todos e de vós próprios. É sobre tudo isto que gostaria que pensassem, interiorizassem e decidissem passar à ação, invertendo este ciclo que tem vindo a envergonhar a Humanidade, por ficar amorfa, degradando-se aos poucos, esquecendo valores sobre a convivência social, sobre os Animais e a Natureza. Esse é um dever que não impende apenas sobre os terrenos, mas também sobre os habitantes de todos os Planetas com vida inteligente, na imensidão, sem fronteiras, das Galáxias e das Dimensões, num Cosmo que vocês desconhecem mas que existe para além dos limites mais ousados que possam imaginar. Mas, a mudança é, em primeiro lugar, da vossa responsabilidade.

E, interrompendo o monólogo, levantou-se de novo, convidando-os a acompanhá-la a uma espécie de terraço que surgiu a seguir a uma das janelas, rasgada agora até ao chão de lajeado.

Com um gesto, o Céu escureceu e as Estrelas foram ganhando mais luz, acendida sem saberem onde. Outro gesto e uma aproximou-se com Planetas girando à sua volta. Depois, um deles, com milhões de luzes e seres irreconhecíveis, mas que se movimentavam em canais ou estradas ou em veículos a diferentes altitudes, no mesmo sentido ou cruzando-se no ar. Outros gestos e outras Estrelas e outros Planetas… Sem nunca se divisar, no entanto, formas concretas, mas vida ativa sem dúvida.

Eles mantinham-se silenciosos, com a cabeça em ebulição, sem saberem o que dizer. Qualquer apreciação sobre o que viam parecia-lhes completamente descabida e sem sentido.

A Senhora da Luz insistiu:

- Podíamos ficar aqui muito tempo, para vos demonstrar a vida que pulula no Universo que mesmo nós desconhecemos ainda na totalidade e talvez não tenha mesmo limites. Não vos mostrei pormenores dos seres que habitam os Planetas porque não estão

ainda preparados. Por isso foi recriado o cenário onde nos encontramos à medida da vossa compreensão terrena. Há milhares de formas de vida, milhares de tipos de organização social, de animais, de árvores, de tudo o que possam imaginar, na certeza de que a vossa imaginação é demasiado curta para entender essas realidades. Muitas delas padecem de males parecidos com os da Terra. Há mesmo guerra entre Planetas e que se estendem, por vezes, a parte de uma Galáxia. Tudo pela mesma razão: domínio e Poder. Apropriação de matérias-primas, de fontes de produção, de bens de subsistência. Como vêm os seres inteligentes são inimigos de si próprios, quer na Terra quer nos Planetas mais recônditos do Universo conhecido…

- Desculpe – atreveu-se Ele finalmente -, se isto não for mesmo um sonho, acho que ficamos lisonjeados com o seu propósito (enquanto olhava para Ela, buscando o seu assentimento, que foi afirmativo), mas porque fomos nós os escolhidos para esta viagem, chamemos-lhe assim, e não outro casal qualquer e, mais intrigante ainda, porque foi uma Bruxa que nos empurrou para esta aventura e surgiu-nos uma mulher Nobre - a Senhora da Luz?

- Devem ficar mesmo lisonjeados e, tanto quanto conheço o vosso caráter, com sentido de responsabilidade – disse a Senhora da Luz, com um sorriso rasgado -. Porque vos considerei, entre os demais possíveis candidatos, pela vossa abertura de espírito, aliada à vossa inquestionável inteligência e racionalidade, e por terem já experimentado alucinações que vos colocam num patamar acima da esmagadora maioria dos outros terrestres. São, portanto, os mais qualificados para entenderem e interiorizarem o que lhes pretendia transmitir. Quanto à Bruxa, nada tenho a ver com ela. O objetivo da Face Obscura do conhecimento, que ela representa, era levar-vos ao Castelo que viram do outro lado, para os conquistar para a sua causa. O obscurantismo serve a muitos em qualquer parte do Universo. Eu consegui intercetá-los durante a viagem e trazê-los para aqui, apresentando-me como uma Nobre da vossa Idade Média – para não vos chocar -,

mas poderia assumir qualquer outra forma. Eis a explicação do nosso encontro.

Eles ficaram a *rumina*r o porquê da Idade da Média, já que, se não lhes falhasse a memória e conhecimentos históricos, teria ocorrido ao longo de um vasto período de um passado longínquo – do século V ao século XV – e já estavam no XXI. Com esta mania das Feiras Medievais até se confundia o Universo e se adulterava a História, pelo menos a do planeta Terra. A Inquisição em Portugal só tinha surgido em 1552. E até as Bruxas teriam sido bem aceites durante um boa parte da Idade Média. Que grande confusão…

Mas também já deviam saber que quer a Bruxa quer a Senhora da Luz liam os pensamentos e bastou a pausa de reflexão de ambos – que não seguindo exatamente o mesmo raciocínio, levava àquela síntese -, para obterem a resposta que se impunha.

- Entendo a vossa interrogação. E tenho de me penalizar por isso, já que tento ser coerente. Na verdade, apresentei-me num Castelo, como uma Nobre da vossa Idade Média atendendo à Feira Medieval onde tiveram o encontro com a Bruxa. Julguei que isso apelasse à vossa curiosidade e vos seduzisse ou facilitasse a vossa aceitação e o vosso raciocínio. Esqueci-me, porém, do vosso grau de inteligência e racionalidade. Mas o importante é que compreendam a mensagem e sejam capazes de a aplicar na prática, com a vossa ação. E terão de ser vocês a decidir como fazê-lo…

5

De repente, um barulho de asas pesadas a esvoaçar precedeu um Dragão enorme de olhos avermelhados, faiscando pelas narinas.

A Senhora da Luz diluiu-se com um único sopro de fogo. Eles ficaram petrificados.

A Bruxa – vestida como antes, na Feira Medieval -, lançou com o indicador direito um raio alaranjado que se enredou em ambos, colocando-os no dorso do Dragão, mesmo à sua frente. Com uma gargalhada arrepiante – que ecoou, ondulando, sobre as nuvens -, a Bruxa conduziu o Dragão para o Castelo prateado de ameias douradas.

O interior era bem diferente. Escuro, com candeias em cornucópia, de luz fraca e tremeluzente, acompanhada de um fumo negro e cheiro pestilento.

Ela sentou-se num *trono* de ossos, entrançados por uma espécie de liana viva – que crescia, enrolava-se e recuava, voltando de novo, com folhas a rebentar e a desaparecer, numa renovação permanente do assento da Bruxa.

Esta retirou o chapéu de bico, dobrado na ponta, deixando os cabelos compridos e negros escorrerem pelo corpo. Afastou-os da cara e do peito, deixando adivinhar uns seios avantajados sob o vestido, também negro e quase cobrindo umas sandálias escuras, deixando as unhas compridas e retorcidas à mostra, tal como as unhas das mãos quase escondias debaixo das mangas largas. Os olhos pareciam cavados nas profundezas de um bocado de madeira acinzentado e agora amarelecido pelo tempo. O nariz, cortado a cinzel, grosseiro, prolongava-se desde acima dos olhos até acabar numa aba sobre a boca. Os lábios, grossos e arroxeados, abertos num primeiro sorriso de boas vindas deixaram transparecer dentes enormes e irregulares, enegrecidos pelo tempo, pela comida ou pelas poções.

Eles, sentados em bancos próximos, cortados de troncos de árvores e alisados por

machado ou magia, davam as mãos, apertando-as até à dor, tremendo, transidos de medo.

- Ah, ah, ah – ria-se a Bruxa, deliciando-se com o seu poder sobre aqueles humanos insignificantes, tomando uma beberagem que lhe fora trazida por um macaco, com orelhas de abano e sem cauda, com todos os tiques de eunuco escravizado. Com um olhar ameaçador, indagando-os:

- Sabem porque os trouxe aqui?

Eles abanaram a cabeça, incapazes de outro gesto ou som. Nem acreditavam que estivessem a viver um pesadelo daqueles, tão intenso e em tão pouco tempo. Os cogumelos mágicos não poderiam ter um efeito tão prolongado. Ou podiam? Mas a história estava a ser consistentemente real e assustadora. Seria do jantar, em que, propositadamente, os tivessem drogado também com produtos alucinogénicos? Bem, na verdade, após o repasto, tinham tomado umas anfetaminas e umas cachaças, mas não podia ser essa a razão… Não sabiam nem queriam já pensar. Um torpor percorria-lhes os corpos, fazendo tremer cada veia, acelerando-lhes os batimentos cardíacos, enquanto a cabeça ficara vazia e sem atividade.

- Antes de mais, esqueçam como vieram parar aqui e, contrariamente ao que vos deve ter dito aquela que se intitula Senhora da Luz, tenho de lhes dizer que nem tudo é tão lógico e certo como vos tentou fazer crer. Não quero conquistá-los para o meu lado, ao contrário dela que vos queria alistar na sua legião de Cruzados Universais. Não há lados nem verdades axiomáticas. Tudo é o que parece e o seu oposto. Depende de como olhamos os factos e desmontamos as premissas ou os argumentos que os enformam, muitas vezes redundantes. Não há, portanto, verdade nem mentira. Há uma realidade

palpável que rege, de um modo ou de outro, as nossas vidas. Confortável ou desconfortável, que nos é apetecível ou nos esmaga e mata aos poucos. Há escolha, há solução? Sim e não. Há, se depender de vós modificar as coisas a vosso favor. Não, se quem detiver o Poder estiver melhor organizado para defender os seus propósitos. Neste caso só há esperança quando forem vocês a deter as rédeas do Poder, organizando-se, unindo-se e usando de força superior. Mas, habitualmente, a discórdia divide, fragiliza e tudo volta ao momento anterior. O poder de que falo é uma espécie de amiba. Envolve, encolhe, deglute e volta a expandir-se naturalmente. É a ordem sobre o caos. São as regras e o bem-estar sobre a incerteza e a incapacidade de partilhar, sobre o individualismo e a mesquinhez. O homem é assim e no resto do Universo a vida não anda muito longe destes padrões. O que precisamos é de Seres que entendam os múltiplos aspetos, que possam sintetizar o que de melhor e exequível tem cada um para cada realidade e sejam capazes de liderar a aplicação de políticas concretas e eficazes no quotidiano de todos. Não é fácil, é quase impossível mesmo, mas é o desafio a que nos propomos e de que vocês, pela vossa experiência, inteligência e racionalidade, podem fazer parte, congregando vontades e agindo no vosso Planeta.

O discurso da Bruxa deixara-os estupefactos. Como podia ela falar quase como a Senhora da Luz, mas agora numa perspetiva mais abrangente e que lhes parecia também mais realista e compreensível. Mas a desconfiança de ambos era enorme. A Bruxa que os empurrara para a viagem, o Dragão que derretera a Senhora da Luz, aquele Castelo mal iluminado e ela, a Bruxa, assustadora, inibidora de qualquer recetividade...

Mas a resposta não tardou.

- Sei que estão confusos. Mas só vocês podem e devem concluir pelas alternativas que vos foram colocadas. Sei que o meu aspeto não ajuda muito. Sou uma “Bruxa” que

a Inquisição nunca poderia ter julgado e, muito menos, mandado queimar numa fogueira. Já nessa altura tentava que me entendessem, mas em vão. Tudo estava resumido à virtude e ao pecado, sendo que uma e outro só ganhavam sentido de acordo com as conveniências. O meu aspeto convida a que me intitulem Senhora das Trevas – que é como alguns, pela sua ignorância, me chamam -, mas prefiro que me aceitem como a Senhora da Esperança. Como, com este aspeto? Simples…

E, em mais um gesto inesperado, completando um círculo com o braço direito à frente do seu próprio corpo, transformou-se numa mulher elegante e sensual, sentada de pernas cruzadas, num sofá esguio e multicolorido.

As mãos e os pés apresentavam as unhas bem cuidadas. O seu rosto transformara-se por completo, enquadrado por cabelos ruivos que pareciam ter acabado de sair das mãos de uma experiente cabeleireira.

Os olhos, de um azul enigmático, adivinhavam portais de passagem para o Céu ou para o Mar profundos ou para os confins do Universo que, afinal, era bem mais que tudo o que poderiam imaginar.

O nariz perfeito, apenas um pouco arrebitado, demonstrando o seu caráter voluntarioso. Os lábios, carnudos, deixando ver um pouco da alvura dos dentes, eram um convite sedutor. O vestido, negro e comprido, ficou de um vermelho vivo, justo e a realçar todas as formas do corpo. Os seios, ainda mais salientes, com os mamilos vincados, num corpo esbelto e atrevido.

Ela deu-lhe uma cotovelada, quando se apercebeu que Ele a olhava meio embasbacado, quase a salivar.

A sala, no momento do passe de magia, mudara também. Era agora bem iluminada, com a luz das janelas e uma luminescência vinda do teto.

Uma planta - mistura de orquídea e roseira brava -, cambiava aleatoriamente, numa diversidade de cores que desconhecia a paleta tradicional.

Uma mesa bem guarnecida parecia aguardar a sua presença, sentados agora em sofás modernos e confortáveis, rosa choque, e umas mesinhas de apoio com candeeiros verticais e estreitos, sem qualquer ligação elétrica e sensíveis ao toque dos dedos.

- Agora que o ambiente mudou, devo-vos mais uma explicação – disse a Senhora da Esperança -. Podia ter assumido este ou outro aspeto qualquer na tenda onde me encontraram, mas destoaria daquele ambiente e provavelmente não teria chamado a vossa atenção. Se aceitarem, e acredito que depois de todas estas peripécias lhes apeteça, convido-os a comerem comigo e a conversarmos mais um pouco…

- Mas você matou a Senhora da Luz. Como podemos acreditar em tudo o que nos disse e ainda aceitar o seu convite? – Interrompeu Ele, desconcertado e, ao mesmo tempo, com remorsos por ter esquecido, por instantes, o sopro do Dragão que reduzira a Senhora da Luz a uma pequena poça de água. Ela comungava da interrogação, apertando-lhe o braço em sinal de aprovação.

- Ainda bem que me dão oportunidade de explicar esse momento. Como já vos disse tudo o que parece algo pode ser o seu contrário também. Da água renasceu a Senhora da Luz, como lhe chamam. Asseguro-vos que está viva e com ótimo aspeto. E agora aceitam o meu convite?

Aceitaram. Depois dos receios se terem esbatido aprenderam mais sobre a vida e o Universo do que alguma Escola ou Enciclopédia lhes poderia ter ensinado ao longo dos seus anos de vida.

A ementa era variada, misturando pratos e épocas, manjares e confeções

paradisíacos, sobremesas e doces com origem na Via Láctea e noutras galáxias, com nomes impronunciáveis.

O tempo foi decorrendo e a despedida impunha-se. Não pela falta de temática ou curiosidade, mas simplesmente porque a vida tem uma sequência…

E porque Eles, em abono da verdade, sentiam-se cansados e confusos, com receio ainda de que um sonho ou alucinação qualquer os tivesse levado para além do sono mais profundo.

6

- Vou providenciar para que regressem ao vosso Planeta.

- Vamos ter de fazer a viagem inversa? – Perguntaram Eles em coro, receosos.

- Não, o Afnir vai levá-los.

- O Afnir?

- O Dragão que vos trouxe do outro Castelo...

- Vamos chegar à Terra e à Feira Medieval de Dragão?

- Ah, ah, ah... Não. Em Cavalo Alado. Não vos disse que as aparências iludem?

- Quer então dizer…

- Que o Afnir pode ser Dragão ou Cavalo. Exatamente como vocês o viram ou com asas. Chegará discretamente às proximidades e depois, como um vulgar cavalo, à tenda do Ferreiro.

- E você vai estar na tenda ao lado?

- Não. Já lá está alguém que não tem nada de bruxa. E todos os adereços são cópias ordinárias e sem cuidar de uma razoável imitação. Essas vossas Feiras Medievais são uma treta para a vossa própria História. Mas não deixem de pensar no que vos disse…

No terraço do Castelo, Afnir - o Dragão -, transformou-se em Afnir – o Cavalo Alado -, por mais um simples passe de mágica. As despedidas, com um pouco de emoção à mistura, diga-se, porque a Senhora da Esperança os tinha marcado profundamente. E lá vieram de novo pelo Espaço desconhecido, sem quaisquer referências.

Num ápice estavam nas traseiras da tenda do Ferreiro. As asas de Afnir tinham desaparecido. Desceram do cavalo, dando uma olhada na tenda da bruxa. Tal como a Senhora da Esperança tinha afirmado, uma mulher de meia-idade, com um buço visível, vestida pretensamente à Idade Média, com artigos mais pretensamente ainda imitando objetos desta época histórica.

Pouco tiveram de andar até casa. Para quem vinha da IC19 e entrado na primeira saída para Queluz, virava-se à direita, ainda antes de chegar ao Palácio Nacional e à Pousada, com a sua Cozinha Velha. Eles viviam num pequeno apartamento, a pouca distância da dita Feira Medieval.

Atiraram-se sobre a cama, ainda por fazer. Que fim de tarde…

Fim de tarde? Só agora Eles se aperceberam. Eram 20:45 horas. Tinham saído de casa por volta das 19:30. Após o jantar na Feira, deveriam ter chegado às tendas do Ferreiro e da Bruxa muito próximo das vinte e trinta. Considerando que levavam cerca de 5 minutos do recinto da Feira até casa, contas feitas, ilusões de lado, teriam demorado nas viagens espaciais ou dimensionais ou o que quer que fosse, de ida e volta, cerca de dez minutos.

Era impossível. Depois das peripécias, dos monólogos e diálogos, da confraternização com as Senhoras da Luz e da *Bruxa* ou Senhora da Esperança, o tempo não poderia ter decorrido tão devagar ou, muito menos, quase parado.

Uma conclusão se impunha: tratava-se, afinal, de um sonho. Ou teriam mesmo viajado no espaço-tempo, de acordo com algumas teorias da Física? E como explicar que, pelas mais variadas razões, tudo parecia ter sido real e concreto?

Ela, comungando das dúvidas e exasperação Dele, ia argumentando:

– Não temos bilhetes de entrada na Feira Medieval, porque era grátis, não pedimos fatura do jantar e não comprámos nada… Não temos nenhuma prova de que fomos à Feira e muito menos aos Castelos das Senhoras da Luz e da Esperança.

- Também se tivéssemos isso não provaria nada.

- Tens razão. Só se fosse alguma coisa que tivesse a ver com a confraternização que tivemos com elas e que não fosse deste nosso Mundo…

- É isso mesmo. Espera … - quase gritou Ele de repente, remexendo nos bolsos das calças...

- O quê é?

- Guardei na algibeira um bocadinho daquela espécie de doce, um caramelo de *Pikolinko* – um planeta qualquer da Galáxia de *Azormila* -… Cá está! É a prova que estivemos no Castelo da *Bruxa* ou da Senhora da Esperança, como queiras.

Da algibeira saiu uma massa acastanhada, com umas listas amarelas, espalhadas disformemente. O bocado de espécie de caramelo tinha derretido. E apesar de o poderem ainda provar e reconhecerem como um dos doces servidos pela Senhora da Esperança, depressa se aperceberam que nunca conseguiriam atestar a sua proveniência.

Ele segurou-o nos dentes e esperou que Ela o saboreasse, até os lábios se tocarem e fazerem um amor estranho, cansado, com as cabeças ausentes numa aventura que jamais descolaria das suas entranhas.

Uma aventura que jamais também alguém acreditaria e, muito menos, entenderia.

Como fazer, então, para passar a mensagem de que haviam sido incumbidos, arvorados em defensores de um pedaço do Universo que mal conheciam…

Para dizer a verdade o planeta Terra era também quase uma incógnita para Eles. Conheciam algo da geografia, o nome de muitos Países, o que se passava nalguns pelos factos mais badalados pela Comunicação Social, mas não muito mais.

Pouco tinham ainda saído de Portugal, com exceção de curtas viagens a Espanha, França e Itália. O Líbano e a Síria, também por curtos períodos de tempo, tinham sido objeto de visita e de alguns estudos Dele. Ela tinha-o acompanhado apenas nos três primeiros casos. Donde o seu conhecimento, geral e concreto, do Mundo terreno era

muito limitado.

Mas haviam sido mesmo incumbidos de uma missão? E da mesma missão por ambas as Senhoras?

Depois de alguma discussão, concluíram que tinham sido confrontados com situações limite e díspares, que os tinham confundido propositadamente para os obrigar a discernir o verdadeiro sentido da viagem e da mensagem que ambas queriam transmitir-lhes.

E, sem dúvida, a mensagem era a mesma: inverter o rumo que conduzia o Planeta à sua autodestruição, devolvendo às pessoas a felicidade a que tinham direito.

- Olha lá – disse Ela -, o Afnir, pelo menos sob a forma de cavalo, como servia as duas Senhoras? E será que se poderia transformar em mais algum outro animal?

- Não sei… Mas apesar de estranho, a Senhora da Esperança deu a entender que sim.

- Mais um mistério!

- E mais um coisa, de que só agora me lembrei… A Senhora da Luz ficou reduzida a uma poça de água, límpida. Não deveria ser de sangue? – Notou Ela.

- Porque elas não são humanas, como nós?

- Talvez.

- Pois…

7

Ele era Arqueólogo, com uma carreira brilhante, a quem se devia algumas descobertas importantes sobre os Fenícios, em particular no Sul da Península Ibérica. Conhecido no meio, era convidado para palestras em Portugal e fora do país e da mesquinhez portuguesa. Além da Tese de Doutoramento, algumas publicações ganharam estatuto internacional mas, com o tempo, mereceriam apenas as citações académicas da praxe e depois quase o esquecimento. Iam-lhe pesando, cada vez mais, as aulas a que se obrigara como Professor Convidado, a contrariar a ausência de entusiasmo dos alunos, a ansiedade da sua avaliação e, sobretudo, assistir a reuniões pedagógicas em que, sobretudo, se enalteciam os umbigos. E todo aquele aparato académico com objetivos que não descortinava.

Ela, jurista, mortificava-se no tédio que atrofiava a sua inteligência, num trabalho repetitivo e desorganizado, que parecia contribuir para ninguém e coisa nenhuma. A Administração Pública, nos últimos 10 anos, pelo menos, tinha-se transformado numa espécie de Associação Mutualista de gentes vilipendiadas e desvalorizadas, quer na dignidade quer em termos remuneratórios, muitos dos quais ainda tentavam fazer o melhor que podiam e sabiam e, sobretudo, o que lhes deixavam fazer, numa margem de manobra curta e sempre controlada pelos custos e por uma evolução social em que os professores e outras profissões públicas eram os únicos responsáveis. No conjunto, a várias velocidades, mostrando o que de melhor e pior tinham os funcionários públicos, a maior parte a milhares de milhas da União Europeia, ignorando as grandes transformações e vivendo um dia-a-dia de vistas curtas e desalinhado com o futuro. Culpa, direta e fruto da dessintonia que grassava por toda a União, cujo esboroamento iria, provavelmente, começar pelo "Brexit".

Sem incentivos, envelhecendo em idade, conhecimento e propósitos, a Administração Pública, bloqueava as carreiras e possível contributo e empenho dos mais

novos, numa espécie de guilhotinamento global. Cerceando a modernidade e sacrificando os que apenas já só queriam e mereciam uns anos de aposentação condigna e feliz.

Umas incursões pela moda, em jeito de estilista – área que adorava e onde haviam sido elogiados os modelos que criara -, foram sempre curtas e sem repercussões que justificassem encarar a tempo inteiro esta profissão.

A legislada autonomia técnica, que valia para ambos, mais do que uma miragem era uma aposta aleatória dependente do maior ou menor grau de discricionariedade das respetivas direção e chefia.

Ninguém tinha perspetivas fora dos círculos de partidários ou de influência, e traçavam-se caminhos ou rotas que levavam a lugar nenhum. Extravasavam-se egos, centrados num narcisismo exacerbado, supria-se a mediocridade com frases e máximas replicadas – muitas vezes como próprias -, e com ameaças veladas ou explícitas do desemprego a prazo, em casos de reestruturação, enquadradas por políticas ultra liberais, cada vez mais em voga.

Num enquadramento político que propiciava o aparecimento de seres redondos de espírito e que incentivava o desmantelamento do Estado e a entrega das suas funções aos privados.

"Tudo o que é público dá prejuízo. Só o privado funciona e dá lucro.".

Em termos práticos, privatizava-se o que dava lucro e pagava-se mais caro e com menor qualidade o que era serviço público obrigatório.

Conjeturas que ambos, nascidos nas vésperas do 25 de Abril de 1974 - e não sendo a favor nem contra -, faziam nalgumas ocasiões mais amargas ou comentando os noticiários televisivos que quase já não viam.

Com 41 anos, comemorados a 24 e 25 de Março, suscitavam sempre a reação dos

pais – velhos amigos e companheiros políticos -, já derrotados pelo tempo, mas sempre prontos a meter uma farpa matreira na língua das mulheres:

– Porquê não pariram no mesmo dia? Assim é uma chatice. Primeiro a festa Dele, depois a Dela, nunca se pode comemorar como deve ser…

Ao que uma das mães respondia, já sem papas na língua e não menos que pela trigésima vez:

- Tivessem vocês feito o vosso trabalho como devia ser. Não eram todos tão organizadinhos? Então era só terem acertado o dia…

Todos riam, brindando sonoramente com os copos de um bom vinho. "Alentejano, sempre!".

Tinham sido uma única família, desde miúdos. As lembranças do passado quase começavam no tempo das primeiras desilusões políticas dos pais. E tinham sido muitas.

A sua formação ficara-se, portanto, nos contos e contrapontos políticos, das conversas em família, frente à televisão ou em RGF – Reunião Geral de Família -, como, ainda, com carinho, chamavam aos frequentes encontros Deles com os pais de ambos.

Filhos únicos, tinham começado por detestar-se. Cada um no seu terreno de brincadeira e com os seus brinquedos.

"Raça de miúdos egoístas, a quem terão saído?"

Mas, com a Escola Primária, aliaram-se contra os "inimigos", defendendo um ao outro. As amizades que iam fazendo duravam o recreio e ficavam ao portão da Escola.

Depois vinham para casa, lado a lado, com algumas tropelias, zangas efémeras e o

tempo passava demasiado depressa até ao patamar do primeiro andar do Prédio. Ele continuava até ao segundo andar, olhando para trás.

No dia seguinte era o mesmo. Quem se despachava primeiro batia à porta do outro e seguiam para a Escola sob o sol ou sob a chuva, amparando-se quando o vento soprava forte e parecia querer levá-los para longe do seu universo.

"São como dois irmãos, não são?"

A ida para a Escola Secundária despertou-os para além da descoberta e estudo dos saberes. Porque eram jovens com as hormonas aos saltos e descobriam que havia uma outra natureza, para além das ciências naturais, ainda por explorar.

E quiseram saboreá-la, com algum recato e conhecimento também. Mulheres de Abril, como as mães, não tinham preconceitos em explicar tudo o que sabiam e haviam vivido. E a ideia de serem como irmãos depressa passou a alerta da sineta de fim das aulas. A tilintar na cabeça delas como as hormonas nos filhos.

Curioso ou não era como pareciam agora gostar um do outro, de tal forma que continuavam a excluir, quase com hostilidade, as amizades para além da Escola, sendo poucas as vezes que aceitavam convívios ou passeios em grupo. E nestes casos, demonstravam uma mútua exclusividade, que afastava quem pretendesse intrometer-se ente Eles.

A partir dos dezassete anos, os pais permitiam-lhes que passassem sozinhos um fim de semana ou umas curtas férias nas respetivas casas de campo ou num hotel em conta. Tinha-se concluído:

"Estavam destinados!".

A ida para a Faculdade ia complicando aquela relação invulgar. Por pouco não

conseguiam lugares na Faculdade de Direito e na de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, em frente uma da outra.

Estudavam muito e a sério. Nos últimos anos do Ensino Secundário tinham mesmo traçado um plano geral de estudo e agora incentivavam-se mutuamente, até ao limite. O prazer era o intervalo. E também potenciava uma maior exigência e concentração até ao próximo intervalo. Lenitivo e incentivo ao mesmo tempo.

Estudavam na casa um do outro, sobretudo quando uma delas ficava vazia de pais, porque iam passar fora alguns dias, agora que estavam reformados e os filhos poderiam, com algum apoio claro, cuidar de si próprios. Na verdade, eram cada vez mais as vezes que iam ficando sós.

Os *velhotes,* progressivamente, trocavam as casas de Benfica pelas do campo, onde ficavam vários dias, na mesma aldeia - onde haviam nascido os pais Deles - e com os quintais contíguos, com árvores, arbustos e flores, mas sobretudo um belo relvado e uma piscina comuns, que haviam arquitetado e mandado construir.

A beleza da amizade estava arreigada neles, como a Revolução que tinham vivido, e entranhado. Só que os desaires não se aplicavam nem à condição nem à idade.

Os homens, com cabelos brancos, *entradas* sem retorno e uma barriguinha que já não teria recuo possível. As mulheres, apesar de pintarem os cabelos, não conseguiam disfarçar os seios descaídos, as ancas, nádegas e barriga controladas por alguma dieta, mas já irremediavelmente desfigurando as silhuetas de outrora.

Mas era uma velhice de carinhos, de sardinha e febras na brasa, de muita conversa e afinação em quase todos os domínios da vida, talvez pela vivência conjunta de longos anos ou, sabe-se lá, porque cultivavam e viviam simplesmente a amizade.

A piscina? Bem era mais para os miúdos e ainda mais para os netos. Para eles, era

apenas um modo de refrescar o corpo nos dias de maior calor, ao fim das tardes que tardavam em colocar o carvão e acender o braseiro para o jantar, degustado ali mesmo, numa mesa e cadeiras de plástico, no quintal de um dos casais. No outro ficava o braseiro. A piscina e o relvado ocupavam precisamente metade de cada quintal.

Assim se dividia o equipamento por toda a área disponível, sem ferir as suscetibilidade de ninguém.

(E se um dia se zangassem, por eles ou por causa dos filhos, como administrar o património agora comum?).

Dúvida que raramente se instalava nas suas cogitações, temperados que eram em preocupar-se apenas com os problemas que surgiam e sempre um de cada vez. E esse nunca os afligira.

8

Estavam sozinhos em casa, no apartamento dos pais Dela. Aliás todos os pais tinham ido, como habitualmente, para a *terra*. Tomaram o pequeno-almoço e estudaram parte da manhã. Mantinham ainda as t-shirts compridas com que haviam dormido. Era um daqueles dias quentes, sem qualquer aragem bem-vinda pelas janelas entreabertas. Ele estava refastelado num pufe com uma sebenta sob as pernas, erguendo os braços sobre a cabeça, enfastiado de hieróglifos.

- Já te imaginaste Cleópatra, com os poderes de Rainha do Egito e de vida e morte sobre as pessoas? Bem, diziam que também tinha um narizinho que exasperava alguns e conquistava outros, eufemisticamente falando, claro. Júlio César e Marco António terão sido vítimas ou beneficiários da sua arte de sedução…

- Andaste a ler o Astérix e Cleópatra ou isso está mesmo ai nesse livro com figuras de perfil, que parecem todas iguais?

Enquanto respondia com ironia, Ela sentara-se sobre as pernas Dele, reconfigurando o pufe. Retirou-lhe o livro e, depois de uma olhada breve, atirou-o para a alcatifa. Acabaram por ficar em contacto íntimo.

– Eu não gosto muito dela, porque só se pode amar, de verdade, um só homem. E o meu amor és tu e serás sempre. Sente-me e deixa-me dar-te todo o prazer que tenho para ti!

As inventivas sexuais de ambos pareciam ganhar interesse acrescido, mas com resultados ora intensos ora moderados e mesmo incipientes, ligados cada vez mais às *passas* de Marijuana ou Haxixe, então adquiridos com descrição, mas facilmente, em

certos círculos académicos.

Pelo menos ao Sábado ou ao Domingo, instituíra-se a tarde do *charro* ou da *ganza*, a que nunca associavam colegas ou amigos. Vícios privados, mantidos exclusivamente a dois, nesta relação sempre singular.

Num trabalho de campo, Ele conheceu Juan, arqueólogo colombiano, que fazia questão de se considerar descendente dos Maias pelo seu apelido "Gucumatz" – deus supremo, que achou a vida por meio da água e ensinou o homem a produzir fogo. Sendo Ele um dos poucos que aceitou, com naturalidade, aquela convicção, quase doentia, estabeleceu-se um especial relacionamento entre ambos.

Ao confessar-lhe que gostava de fumar Marijuana e Haxixe, Juan, em poucos dias, começou a abastecê-lo "do melhor que pode existir". Ele, em troca, sempre que se cruzavam em termos profissionais, abastecia-o de algumas especialidades de doces conventuais – conhecedor da sua gulodice – ou mesmo de um bocado de presunto e enchidos, trazidos pelos pais da vizinhança da aldeia, que deixavam o colombiano com os olhos quase a lacrimejar – talvez lembrando alguns petiscos da sua Colômbia, recordando momentos felizes ou, simplesmente, enternecido pelo gesto.

No início do último ano dos cursos, ambos sentiam uma estranha sensação de impotência em chegarem à meta final. Duvidavam da sua capacidade e, contrariamente ao que era habitual, o apoio mútuo falhou. Ou melhor, piorou ainda mais o seu estado de espírito porque aumentava o tormento de cada um. Não iam mesmo conseguir… E se desistissem? Pela primeira vez, sentiam-se inseguros, falhados, incapazes de lutar. Os dias que se seguiram foram angustiantes.

Ele teve de deslocar-se para mais um trabalho de campo, apenas por dois dias. Lá estava, por mero acaso, Juan Gucumatz que, volvidos alguns meses sobre o último encontro, parecia cansado, com olheiras profundas. Ele não deu grande importância ao

facto, porque nada tinha a ver com a vida do amigo, mas comentou da sua amargura e dificuldades. Juan tirou de uma algibeira das calças um pequeno embrulho de papel de prata e deu-lho, recomendando:

- É pó de Cocaína, absolutamente pura. Dá para três doses para os dois. Têm de dividir em três partes iguais antes de mais. Depois, cada um fica com metade de uma dessas partes e coloca a coca em "linhas" verticais paralelas. De seguida, arranjam um papel, do tamanho ou um pouco mais comprido que um cigarro e enrolam-no como uma espécie de tubo ou palhinha. Também podem usar uma nota, se preferirem dar maior dignidade ao ato - disse Juan, sorrindo e abrindo umas rugas agora bem percetíveis por quase todo o rosto. Tapando uma das narina, inspiram ou *snifam* pela outra uma das "linhas", de cima para baixo ou ao contrário e vão mudando de narina e de linha até acabar o pó de cada um. Entendido? Olha que isto dá mesmo coice…

- Sim. Entendi. E os efeitos?

- Logo vês, camarada, depois dizes-me… - rematou Juan, soltando, agora, uma gargalhada.

9

Experimentaram no sábado seguinte. Ao começo foram sentindo uma sensação de bem-estar, com a libertação no cérebro da dopamina. Uma verborreia intelectual discorreu de ambos, trocando conhecimentos quase odiados, agora com uma excitação invulgar e um singular poder de síntese e aproximação de factos históricos de conhecimentos individualmente adquiridos.

À euforia seguiu-se a depressão e a necessidade crescente de mais droga. Resistiram até à hora do jantar, mas a fome desaparecera. Apenas um pensamento comum. A conversa entre ambos revelava ansiedade e alguma hostilidade, a raiar a paranoia.

Resolveram, não sem oposição Dela, *snifar* uma segunda dose. Os mesmos sintomas. A mesma necessidade de mais Cocaína.

Ela pegou no que restava do pó, abriu a janela e atirou-o para a rua. Ele ficou furioso, prestes a esbofeteá-la, mas, olhando-a nos olhos, beijou-os, quedando nos intentos.

Ambos respiravam aceleradamente, com os batimentos cardíacos a ameaçar explodir o coração. As náuseas obrigavam-nos a irem, com frequência e à vez, à casa de banho para vomitar nada. Ele começava a entrar em pânico. Ela lembrou-se de fazer uma tisana de Tília.

Enquanto a água aquecia foram ao mesmo tempo à casa de banho… Ele empurrou-a de encontro à porta, fazendo-a bater com a nuca e perder por instantes os sentidos, ficando sentada no chão, desamparada, como uma boneca, desarticulada e sem vida.

Ele levantou-a, erguendo-a com os seus braços sob os Dela, arrastando-a para a cama. Tirou gelo do frigorífico e colocando-o num saco térmico. Rodou-a de lado e

segurou-a sobre a nuca até Ela se sentir confortável.

- Podes por a água nas canecas? Acho melhor tomarmos mesmo a infusão de Tília.

- Claro, claro. Segura no saco.

Ele trouxe as tisanas, com as mãos trementes. Colocou uma caneca em cada mesa-de-cabeceira e ajoelhou-se do lado Dela.

- Perdoa-me, perdoa-me - soluçava Ele, pela atitude violenta e porque pensou, numa cabeça completamente desorientada e em pânico, que a perderia -, perdoa-me!

- Sei que não foste violento de propósito. Mas, vamos tentar, ambos, custe o que custar, superar esta ressaca. Estás comigo?

- Estou! Faço tudo o que tu quiseres, mas preciso ouvir que me perdoas.

- Claro que te perdoo, porque te amo e tinhas perdido a tua identidade. Sei bem que não és assim. Vamos beber a tisana e tentar dormir.

Em vão tentaram dormir, mas a infusão e o sabor dos corpos atuaram como lenitivos a uma ressaca que parecia impossível de superar. O cansaço venceu, finalmente, as lutas que a droga acendera e mantinha ainda em lume brando.

E, na verdade, ao acordar, as brasas, apenas cobertas de cinzas, reacenderam. Ela, atónita, com aquela força do vício a apoderar-se de si, reagiu com a rudeza de quem mata um parasita que pretende tomar conta do nosso corpo.

Enquanto Ele ainda dormitava, agitado e suando, com delírios agora menos frequentes, foi preparar um farto pequeno-almoço de croissants, com manteiga e compotas, sumo de laranja feito na ocasião, iogurtes variados e ligou a máquina do café expresso.

Temeu o passo seguinte. Acordá-lo e levá-lo a tomar um duche retemperador, com ambos a acariciarem-se mutuamente, acordando para o amor e para a realidade. Ele não resistiu. Seguiu-a, meio trôpego e ainda numa alucinação qualquer. Mas, sentido o contacto Dela, as carícias em cada recanto do seu corpo, as sequelas que se entranhavam na alma, desejou-a ali com toda a pujança que lhe restava e agradeceu à Água, ao Céu, ao Mar e a todos os deuses do Universo tê-la a seu lado, sobretudo nos momentos mais difíceis.

Apesar das vicissitudes, recuperaram o ânimo. E não despegavam um do outro, apoiando-se e ajudando-se nos trabalhos mais difíceis. Um amor de mútua aprendizagem e incondicional.

Os pais de ambos, quando os tinham por companhia, estranhavam, por vezes, as suas oscilações de humor, que atribuíam ao muito trabalho que os atarefava, ao descanso que não chegavam a ter, como ressaca do desmesurado esforço que faziam na sua aplicação aos estudos, mas não aos efeitos da droga.

Apesar de tudo, e com determinação, formaram-se com nota elevada. O emprego veio facilmente e ambos, talvez incentivados pelo prazer e êxito das tarefas profissionais, aquietaram um pouco na droga e dedicaram-se totalmente ao trabalho.

Compraram um apartamento em Queluz, relativamente próximo de S. Domingos de Benfica, onde residiam os pais, porque a RGF – Reunião Geral de Família – concordou que adquirissem a sua independência, através das economias caseiras e de um empréstimo parcial ao Banco.

O viverem em comunhão de facto causava alguns engulhos aos pais, casados. Mas, progressistas do 25 de Abril, tinham de engolir qualquer referência ao estado civil Deles, até porque não seria o casamento que tornaria a sua relação mais indissolúvel.

Os anos foram passando, sem filhos – o que desesperava os candidatos a avós, mas mais a Eles, apesar de todos os testes e exames médicos promissores.

Sem se darem conta, os quarentas chegaram e com eles uma angústia inexplicável. A dos pais também, que sentiam já a terra sobre os seus cadáveres sem conhecer o neto ou neta.

Os encontros iam escasseando, talvez pela velhice e cada vez maior recolhimento dos pretendentes a progenitores ou pela conversa que feria e deixava lembranças e marcas de meses, largos por vezes, mesmo no Verão.

A churrasqueira mal entranhava o cheiro das sardinhas ou das febras ou do peixe ou derivados. A piscina cobria-se de folhas das árvores de frutos por colher, apodrecendo esparramados pelo chão...

- Limpe você desse lado, que eu limpo deste!

Vindos da aldeia dos pais, derrotados com mais uma série de indiretas sobre a fecundidade Dela ou da esterilidade Dele, só lhes apetecia esquecer tudo e todos. Chorando nos braços um do outro – porquê esse amor não morria e continuava sempre a acender a paixão.

Magoavas os a convicção familiar de que não tinham filhos apenas porque não queriam. Como se os considerassem uns inúteis por não dar netos aos pais – tal como uma espécie de brinquedos a que achavam com direito na velhice.

Ou, como se todo o investimento que houvessem feito nas casas de campo, sempre a pensar que haveriam de estar cheios de correrias, risos e gritaria de crianças, estivesse, irremediavelmente, arruinado.

Para Eles, mais do que isso tudo, era a ideia de que haviam falhado em tudo, até na simplicidade de gerar um filho, um que fosse, pelo menos. A depressão era mais profunda ainda…

10

Foi depois de uma vinda da aldeia e de mais uma dessas amarguras, que experimentaram os cogumelos mágicos e resolveram visitar a Feira Medieval em Queluz, a poucos minutos da casa onde viviam…

Após tudo o que se passou, a cabeça virou-se-lhes do avesso. Tomaram a sério os encontros e o papel que lhes tinha sido reservado, mas qual? O da Senhora da Luz ou o da Senhora da Esperança? Numa perspetiva mais corretamente política ou mais realista, não haviam chegado à conclusão que pretendiam ambas a mesma coisa?

Após o pequeno-almoço do dia seguinte – Domingo -, lúcidos – pelo menos assim lhes pareceu –, voltaram à cama e fizeram amor, devagar, introspetivo, aquele sexo, quase tântrico, que pretende preparar o espírito para, com serenidade, avaliar uma situação incomum. Trocar impressões, entrecruzar argumentos, estabelecer objetivos e condutas ou, simplesmente, mapear a agenda do dia.

- Acreditas mesmo que vivemos esta história ou será apenas mais uma alucinação provocada pelo ambiente da Feira Medieval ou ainda dos efeitos dos cogumelos mágicos e das anfetaminas?

- Tu próprio provaste que estivemos num dos Castelos, com aquela espécie de caramelo…

- Mas como se explica que tenhamos estados perante a Senhora da Luz e a seguir a Senhora da Esperança – que antes era uma Bruxa -, e aceitemos que a mensagem é a mesma?

- Já discutimos isso e concluímos que apenas a argumentação diverge nas palavras e quanto a alguns pontos de vista mas, no essencial, revelaram as mesmas preocupações e os mesmos propósitos.

- E porquê nós?

- Porque fomos escolhidos pelas razões que nos foram indicadas, incluindo a de uma maior abertura de espírito por termos experimentado alucinações, isto é, porque nos drogamos.

- Tens razão. Então tudo o que vivemos não tem a ver apenas com o consumo de droga, mas com uma análise às nossas personalidades, numa perspetiva de realidade paralela ou extraterrestre?

- Embora me custe a acreditar e, mais ainda a aceitar, acho que sim.

- Já interiorizaste as consequências desse estatuto e o que nos vai exigir?

- Sim. Vamos ficar mais sozinhos e, provavelmente, seremos considerados malucos. A princípio, haverá uns quantos que até podem acreditar em nós, mas quando se souber que usamos drogas, com maior ou menor regularidade, podemos vir a ser considerados doentes mentais e, quem sabe, até internados para desintoxicação e tratamento psiquiátrico.

- Calma! Não vamos exagerar antecipando o fim do filme. Temos é de decidir se fazemos alguma coisa ou não…

- Parece não haver penalizações, tudo depende de nós apenas. Podemos não fazer nada, de facto. Mas a nossa consciência deixa?

- Pois… Temos mesmo de fazer algo. Mas o quê?

- Porque não começamos por uma Comunidade no *Facebook*?

- Estupenda ideia. Permitia-nos avaliar a aceitação das pessoas e aproveitar as suas próprias sinergias, podendo replicar a página inicial na maioria das línguas e receber contributos de todo o Planeta.

- A própria ação ou ações a desencadear assentariam nas pessoas de cada País, organizadas e em comunicação pelas novas tecnologias, observando o espírito de um Manifesto que seria uma espécie de Guião de Esperança e Ação.

- Concordo. Vamos pôr mãos à obra, criando a página inicial no *Facebook*...

- Espera! E como vamos designar a Comunidade?

- Não sei… Comunidade para a Regeneração da Terra – CRT. Não, não dá. E em Inglês não tem sentido…

- E se fosse *WeLoveEarth*? Apenas isso. Com os termos juntos, preanunciando o estreitamento dos laços e relações.

- Ótima ideia. Esta tarde deitamos mãos à obra!

A obra foi surgindo aos poucos, mais do jeito Dela, como um figurino estético e colorido, apelativo aos olhos, quase ao palato, porque as cores pareciam saber a mar, a floresta, a animais, a natureza…

A foto de fundo abria com uma Terra esbatida sobre um céu pintalgado das cores do nascer ao por do sol – uma pintura Dela que, em tempos, sonhara expor, com outras criadas num pequeno estúdio na casa dos pais ou que, muito esporadicamente, ia pintado nos poucos tempos livres, agora armazenadas no fundo da despensa, embrulhados em plástico de bolhas.

Ele ficara de escrever o Manifesto. Mas não era fácil. Como arqueólogo conhecia alguns, distribuídos por diversas etapas da História, com enfoque nos últimos três séculos. Se não eram iguais, tinham um denominador comum: geralmente, aliciar o povo para aceitarem o Poder ou rebelarem-se contra ele. O que podia fazer de diferente, que não parecesse um decalque do passado, mais um entre tantos outros?

Redemoinhando as ideias conseguiu escrever:

> "Caros concidadãos, o nosso Planeta - a Terra -, está doente. É um mal profundo e muito difícil de combater. Apesar de, na sua maioria, os Estados serem governados por eleitos pelos povos, a verdade é que a generalidade desses políticos pouco ou nada faz pelos cidadãos. Porque são, geralmente, os grupos

económicos que preparam os programas e supervisionam a sua execução.

Através da engenharia financeira, de incentivo ao endividamento e empréstimos de usurários, das Bolsas, *ratings* e de outros instrumentos legais, vão delapidando os Estados (que somos todos nós), privatizando, em especial, o que pode dar lucro a empresas dos grandes grupos económicos. Esta verdade é, porém, apenas uma parte da questão.

Na realidade, devíamos fazer ver aos atuais neoliberais, cada vez mais extremistas, que não estamos dispostos a contribuir para o seu lucro fácil e sem escrúpulos, mas sim preocupados em sermos felizes e termos uma vida melhor.

No Espaço, para além do nosso Planeta, há quem nos observe e esteja disposto a ajudar-nos. Mas, só organizados e em estreita colaboração, podemos traçar um Plano objetivo e coerente de combate a esta doença e devolver aos cidadãos o que lhes é devido.

Junta-te a nós, sabe mais sobre o nosso projeto, divulga-o e convida mais pessoas a juntarem-se à nossa causa. Unidos e organizados podemos transformar a Terra num lugar melhor para todos!

WeLoveEarth".

11

A página da Comunidade *WeLoveEarth* ficou *online* no dia seguinte no *Facebook*. Em inglês, francês e português Em destaque, o Manifesto, acompanhado de álbuns de fotos sobre diversas situações de corrupção e de guerra – que propositadamente não se abordava no texto, quer para não tomar partido quer porque era um *quisto* tratável no âmbito do apelo geral.

Propositadamente, também, não foi publicado nenhum outro texto, já que ambos sabiam da pouca apetência das pessoas em lerem escritos longos, colocando *like* com a simples leitura do título ou do texto na diagonal e muito menos sem se aperceberem do conteúdo. Por isso o Manifesto tentava condensar a mensagem a transmitir. Ficaram a aguardar a recetividade dos visitantes.

Nesse mesmo dia surgiram cento e dois pedidos de adesão, de diversos países, mas esmagadoramente de Portugal. Nos comentários, sentia-se o apoio, também sobretudo de portugueses, mas três deles desdenhavam não só do manifesto como do propósito e um, em tom de galhofa, referia mesmo que estavam a fazer ainda pior que os neoliberais, neste caso querendo vender o próprio Planeta a extraterrestres. O terceiro, mais elaborado, sugeria que padeciam de demência, prescrevendo tratamento adequado e rogando-lhes que não contagiassem as pessoas que os liam, já que Deus, apesar de tolerante também era exigente – como o tinha demonstrado no episódio dos "vendilhões no Templo".

Nos dias seguintes as adesões aumentaram e também os comentários jocosos ou a favor, estes, geralmente, solicitando mais informação, documentação disponível, etc..

A adesão estava, naturalmente, reservada a quem correspondesse aos fundamentos da Comunidade, donde apenas foram aceites, como membros, os que reuniam essa qualidade.

Eles tentavam responder a todas as mensagens, com método e usando de *copy* e *past*, sempre que iguais, ou de mensagens estandardizadas. Desistindo dos que contestando, mantinham a sua postura hostil.

Mas, como haviam previsto e planeado, face ao crescimento no número de membros, tiveram de designar um Coordenador para cada Estado mais representado nas adesões – tendo como únicos requisitos querer, sem reservas, fazer parte do projeto e falar e escrever inglês -, enviando-lhe uma resposta mais detalhada, em que descreviam o que lhes havia sucedido.

Os Coordenadores, que acreditavam na história e aceitavam as condições, eram indicados na cronologia da página para que fossem do conhecimento de todos. Em cada País, a relação passava a estabelecer-se com esse Coordenador, quanto a movimentos e ações a criar ou a desencadear, mas sempre previamente relatados aos mentores da Comunidade e com a sua aprovação. Era o modo que haviam encontrado para manter uma linha de rumo coerente e transparente, ao mesmo tempo. Logo que concertadas em mensagens privadas com o Coordenador e entre este e os respetivos concidadãos membros.

A Comunidade crescia de dia para dia. Ao cabo de uma semana já eram mais de duzentos e cinquenta mil membros, oriundos de noventa e três Estados. Começava a ser humanamente impossível gerir tanta informação, analisá-la e publicar novos *posts*, mantendo a centralidade do sistema.

Os dias de férias sucediam-se, com alguma condescendência, sobretudo do Serviço Dela, estando Ele um pouco mais liberto de presença na Faculdade. Mas não chegava e trabalhavam todos os dias até à uma ou duas horas da madrugada. Depois, tiveram mesmo de fazer turnos, quase se desencontrando. Em sua própria casa. O fardo era demasiado pesado e tinham quase deixado de viver.

Designaram, então, um Conselho Coordenador, num primeiro momento com 9 membros e, quase de seguida, com 17, com as regras básicas de atuação (os mandamentos a retirar do Manifesto).

A Comunidade já tinha, então, ultrapassado o meio milhão de adesões. Este Conselho substituía os mentores, passando a ser os seus membros a publicar na página, sem prejuízo Deles também o poderem fazer e de enviar ao Conselho as orientações que julgassem necessárias.

A partir de certa altura – já a Comunidade ultrapassara um milhão de membros -, a harmonia descambou, colocando a nu desentendimentos latentes, quer pela geografia quer, e sobretudo, pela raiz dos problemas e as formas e meios de os debelar.

Havia que reconsiderar todo o projeto. Até porque nalguns Países - incluindo Portugal -, uma série de ações importantes estavam previstas ou a decorrer e, nalguns casos, implicando a presença de autoridades policiais e era bem sabido que alguns, mais exaltados ou então infiltrados, pudessem provocar desacatos e violência.

E estava tudo na página da *WeLoveEarth*, que começava a ser encarada como uma associação de incitação à violência, com a cabeça dos mentores, Conselho de

Coordenadores e Coordenadores, a prémio.

E embora tivessem nomes fictícios – condição também inicialmente estabelecida -, seria fácil às autoridades de cada Estado descobrirem a sua verdadeira identidade, levando o *Facebook* a revelá-la. Mas o *Facebook* nem queria tomar partido, ameaçando os mentores da Comunidade com a suspensão da página, caso não tomassem as providências necessárias.

Ela, como jurista, sabia bem das consequências que se perfilhavam neste caminho, se insistissem em manter a Comunidade nestes moldes.

A única alternativa viável – depois Deles muito refletirem, com os Conselhos e Coordenadores - foi a de criar uma Comunidade e um Conselho de Coordenadores em cada Estado, afiliados da *WeLoveEarth International*, que passou a ser apenas uma referência com o seu Manifesto inicial e, agora, com mais alguns textos que, propositadamente, apelavam ao pacifismo e repudiavam a violência.

Se a sanha persecutória abrandou, na generalidade, só por alguns dias pôs termo às dissensões internas. Nalguns Países, as ações, instigadas ou não por radicais, endureceram, provocando confrontos graves com as autoridades policiais e a prisão de muitos manifestantes defensores da causa. O *Facebook* encerrou as páginas dessas comunidades, por ordem dos respetivos Governos,

Eles viam, com tristeza, o seu projeto a desabar. Depois de tanto trabalho e tantas noites mal dormidas. De colocarem em causa o seu próprio sustento.

E já quase nem chegavam mensagens à *WeLoveEarth International*. As comunidades

que haviam sido suspensas no *Facebook* pareciam ter desaparecido. As outras quase vegetavam, com uma ou outra iniciativa sem importância de maior.

O projeto estava moribundo se é que já não se deveria ter por extinto. Eles ainda consideraram um modo de o fazer reviver, enviando mensagens privadas a todos os membros dos Conselhos de Coordenadores, mas as respostas que receberam diziam bem das dissensões, das clivagens e da ausência de vontade em lutar por algo que consideravam utópico e indesejável de alterar ou derrubar sem substituir com a sustentação adequada.

Resolveram então que nem valia a pena publicar novo texto de incentivo. Ainda poderiam ser acusados de novo incitamento contra o Poder legalmente estabelecido, violência, associação criminosa… Enfim, o sonho tinha acabado. O projeto e a missão deles. Sem cumprirem a sua palavra. Agora, era a sua honra que estava em causa.

Suspenderam a página e impuseram-se repouso absoluto por trinta dias, com atestado de um psiquiatra que, perante a história contada por ambos, individualmente, não teve a menor dúvida em preencher e assinar o documento de justificação da sua ausência ao trabalho. Embora o ponderasse, pareceu-lhe, para já, desnecessário diligenciar no sentido de serem internados.

Os medicamentos receitados não chegaram a sair da Farmácia. Droga por droga, mais valia a deles…

12

Algures, no Universo, quase desconhecido ou num outro universo paralelo ou Dimensão qualquer, dois Castelos, tinham-se fundido num só, prateado e com ameias de ouro, sobre uma nublosa com uma estrela sol enorme e deslumbrante. Mas já nem era um castelo, mas algo arquitetonicamente indefinido, mais crível num conto de fadas.

Um salão decorado de esculturas, pinturas e outros objetos de arte parecia recriar uma narrativa histórica, apenas parcialmente inteligível a um humano.

Duas mulheres conversavam animadamente, sobre um sofá espaçoso com uma mesa estreita e comprida em frente, repleta de acepipes e bebidas.

Uns metros a seguir à mesa, um espaço amplo semicircular, correspondendo talvez ao interior de uma torre de castelo, uma espécie de tubo de luz e som, de diâmetro aproximadamente a cinco metros, transmitia imagens holográficas de perfeito realismo, neste caso vindas de um apartamento em Queluz.

As Senhoras da Luz e da Esperança estavam em amena confraternização, roçando os lábios e acariciando-se mutuamente. Vestiam fatos inteiros, quase transparentes, moldáveis ao corpo, numa languidez que um humano entenderia como pouco comum a uma Donzela nobre e, muito menos, a uma ex "Bruxa".

- Achas que exigimos demais Deles?
- Sem dúvida. Estão prestes a desistir e a autodestruir-se.
- Teremos errado a escolha? Não seria a primeira vez com os humanos…
- Não, necessariamente. Diria que a culpa não foi nossa, porque penso que

soubemos transmitir a mensagem. E também não foi Deles, porque tinham o saber, o conhecimento e a cultura necessários, aliados à recetividade que lhes abria o uso moderado de drogas. E agiram não só corretamente como para além das nossas expectativas.

- Sim, é verdade. Tal como esperávamos, demonstraram ser inteligentes ao se aperceberem que as Senhoras da Luz e da Esperança pretendiam os mesmos objetivos e souberam colocar em prática a única estratégia possível.

- Exato. Falharam apenas por não terem seguidores em número e qualidade que permitisse uma transformação profunda. Ou melhor, os seguidores não souberam entender a dimensão do que lhes era proposto e pedido nem que podiam ter sido efetivos agentes de mudança. Antes quedaram-se em querelas estéreis, como habitualmente.

- Queres tu dizer que a raça humana não está recetiva à mudança e padece de uma felicidade de circunstância, que leva as pessoas a aceitar quase tudo, apesar de vociferarem contra as injustiças com que as maltratam, desde que lhes deem o menos mau?

- Nem mais. A raça humana parece talhada para obedecer a gente, mesmo falha de inteligência, capaz de afirmar a sua liderança, de prometer, mesmo que não cumpra. Predisposta a traficar influências, deixando aos cidadãos um pouco de qualquer coisa, que pode não passar de mera ilusão.

- Concordo. Tão descrentes assim, porque continuamos a nos preocupar com este Planeta e não o implodimos de vez ou deixamos que os habitantes morram com alguns cataclismos naturais, como na Era dos Dinossáurios?

- Sabes bem que os atuais Guardiões do Universo condenaram essas ações. Toda a vida é sagrada, sendo a aniquilação apenas legítima quanto coloque em causa outros seres para além do planeta infetado.

- Claro que sei e concordo, obviamente. Mas, por vezes, parece-me que a nossa ação é completamente inútil e uma pura perda de tempo. Mas temos sempre de tentar.

De acreditar que é possível e é para isso que nos confiam estas missões.

- Vamos olhar mais uma vez para Eles… A dormitarem depois de mais uma dose de cocaína e de sexo.

- Apesar do mau sexo, há coisas nestes humanos que me contagiam…

- A sério?

As Senhoras olharam-se com cumplicidade. O tubo de luz e som, a um gesto, passou a transmitir um concerto algures no Espaço Sideral, com seres e instrumentos desconhecidos de um humano e luzes e sons insuportáveis ou inaudíveis aos olhos e ouvidos de um terrestre.

Os corpos delas desvaneceram-se nas proximidades um do outro, criando uma zona de interceção. Um frémito prolongado agitou a matéria comum. O rosto de ambas apresentava uma cor azulada, com os olhos e a boca cerrados, sem expressão de qualquer sentimento.

A vermelhidão que se seguiu na área de interceção dos corpos deu lugar a várias réplicas delas, envolvida em feixes policromáticos, que as individualizavam ou ligavam em plena comunhão, aleatoriamente. Finalmente, os lábios de ambos entreabriram-se, deixando escapar gemidos de prazer e satisfação.

Parecia sexo a duas, prolongando o prazer por replicações de ambas, em idênticas e diferentes posições. Lésbicas? Talvez, mas não só. Afnir foi chamado, agora sob a forma de um ser indefinido, com cabelos brancos e sedosos e corpo musculado, transformado, ao que tudo levava a crer, a partir da sua forma de cavalo.

Retirados os fatos - com uma simples passagem dos dedos ao longo do contorno dos corpos -, colocaram-se sobre uma espécie de assento à altura do membro do macho.

Abriram as pernas, deixando os seios convidativos e as vaginas entreabertas,

prontas a penetrar. Afnir, a princípio, foi lambendo os mamilos e os seios – com a língua comprida e a boca espumando -, depois saboreando o néctar que lhes escorria das vaginas, inundando os lábios exteriores e o períneo.

Lambia-as, alternadamente, desde o ânus ao clitóris, com uma aspereza que doía mas as entumecia ainda mais, ao mesmo tempo que sugava os sucos vaginais, como um aspirador. Algum tempo depois, com todo o cuidado, foi deixando escorregar, alternadamente, o seu enorme pénis até às suas profundezas, arrancando-lhes espasmos, que lhes percorriam todo o corpo, gritos de dor e prazer.

No final, o seu orgasmo, com abundante sémen arroxeado, foi repartido em igualdade aproximada.

De olhos a rodar nas órbitas, o corpo saciado e a mente vazia, as Senhoras da Luz e da Esperança foram amparando-se até caírem num retângulo alaranjado e fofo da sala contígua, onde se deitaram abraçadas e com os lábios colados. Pelo caminho, as marcas do líquido ejaculado por Afnir, como pegadas denunciadoras de um ato intangível que as deixara completamente exaustas.

- Porque só nos dão um ser mutante para as nossas missões?

- E não tem servido para todas as tarefas que lhe damos?

- Ah, ah, ah… Tens razão. E, neste caso, bem melhor que os nossos semelhantes masculinos.

13

De facto, as Emissárias dos Guardiões do Universo, antes dos seus momentos de lazer, haviam feito uma correta análise da situação. Eles estavam a chegar ao limite. Depois de assumirem o fracasso em fazer compreender e aplicar à realidade a tarefa de que tinha, sido incumbidos, tomava-os uma amargura desmesurada.

A sua autoestima estava reduzida a nada. A princípio tinham-se sentido como apóstolos de uma causa tão ou mais importante que a de Cristo. Pensavam que seria relativamente fácil, com algum esforço e perseverança, conquistarem alguns milhões e replicar indefinidamente a mensagem.

Mas a Comunidade não passara de pouco mais de um milhão de adeptos e regredira rapidamente. A culpa só poderia ser sua, por inabilidade ou ausência de empenho.

Tinham falhado o seu objetivo. Pior, tinham desperdiçado o sentido da sua vida. O pouco sentido que ainda tinha.

Mas se ninguém – nem Cristo - tinha mudado as gentes da Terra, porque haviam de ser Eles a mudar? Perguntavam-se, como tentado desobrigar-se da culpa que os assaltava. Na verdade, atualmente com as ferramentas tecnológicas disponíveis era muito mais fácil fazer chegar uma simples mensagem a quase todos e Eles não haviam conseguido.

Não tinham cumprido a missão que lhes fora confiada. E tinham falhado ingenuamente.

Era verdade que podiam ter chegado às pessoas através das novas tecnologias, mas isso não significava que as influenciassem o suficiente para mudar comportamentos e, muito, menos, que as levassem à ação a favor da causa. Não está provado - nem há razões para pensar que isso possa suceder -, que mesmo os *bloggers* mais influentes

possam determinar o curso dos acontecimentos, motivando as pessoas a participar em acontecimentos. A maior parte, limita-se ao *like* e manifesta a sua preferência, apenas por defeito ou hábito, não a sua participação efetiva.

Mas, sabendo isso, poderiam ter pensado e agido de modo diferente, conquistando as pessoas de uma forma mais inteligente, motivadora e interativa.

……

E de nada valia escudarem-se na morte das mães, num curto espaço de tempo, de cancro e de doença desconhecida – de velhice ou da vontade de partir. Já eram velhotas, mas enxutas. Um desfecho pouco provável, mas rápido e inexorável.

Os viúvos ficaram mais teimosos ainda. Passavam agora os dias já não à espera de um neto mas da morte, entretendo-se e entediando-se com a sueca e as damas. Nunca mais nenhum nem ninguém limpou ou tratou a piscina, que criara limos, esverdeando a água, quase coberta de folhas ressequidas de outonos passados.

Teimosos. Queriam apenas uma morte rápida e o mais simultânea possível. O Centro de Saúde era longe e lá só se apanhavam doenças e o gozo dos enfermeiros e médicos ou dos utentes mais novos.

"- Mas fica a 100 metros!".

Mas para eles eram muitos quilómetros e não estavam dispostos a gastar a sola dos sapatos.

……

Enquanto a amargura fazia o seu caminho, Eles haviam retomado a Cocaína.

Agora, até Ela se sentia mais confortável com a droga e não dispensava aqueles momentos de euforia, mas as zangas começaram um pouco por tudo e por nada. Ora vitimizando-se ora atribuindo um ao outro culpas que não tinham. Por hábito já ou pela falha do processo de regeneração, como lhe chamavam.

E a vida ia assim, complicada, com os empregos em risco, salvos apenas pelos atestados psiquiátricos. Colegas e superiores, e o próprio médico, tentaram, por várias vezes, convencê-los a um tratamento sério de desintoxicação. Eram ainda novos, com toda uma vida à sua frente…

De nada valeu. Agora com 46 anos estavam *agarrados*, com efeitos já visíveis por fora, como as narinas deformadas e olheiras tão profundas que impressionavam, a par de uma magreza extrema, de quem não dormia nem se alimentava.

……

A notícia chegou breve, burilada por um psicólogo da Proteção Civil. Tinham sido encontrados por um vizinho – que lhes perdera as falas e discussões há duas semanas e, curioso, subira o muro e tinha avistado dois corpos na piscina, quase invisíveis porque misturados com as folhas das árvores O jornal local titulara a morte com crueldade: "A piscina ficou à espera dos netos, enquanto os corpos dos "avós" ficaram inchando no desespero." Depois…

Eles dispensaram o depois, até porque, de certo modo, haviam previsto aquele desfecho. Sentiam-se culpados por não terem, pelo menos, tentado, após a morte das mães, amparar os velhotes e levá-los, pelo menos, a uns passeios domingueiros, que os retemperassem em forças e ânimo. Mas era dessa terapia que também precisavam. Ficaram ainda mais perturbados…

……

As mortes acumulavam-se na sua ficha de vida, decepada pela droga e pelas deceções. Com a família e com a da Humanidade. Tudo não podia ser mais objetivo e explícito. Eram uns falhados que, apesar de tudo, se amavam. Mas o amor aqui de nada valia, a não ser para Eles mesmos, mas com tanta discussão e discursos redondos e inúteis o seu relacionamento já parecia também um falhanço, senão o maior de todos.

A apetência pela droga era incontrolável. Ele procurou Juan Gucumatz pedindo-lhe agora Heroína e injetável. Apenas para mudar, para sentir outras sensações…

Juan, que também já fora apanhado na armadilha, dispensou o sermão que devia a si mesmo. Agora, já sem trabalho certo, *fichado* na PJ, PSP e GNR como *passador*, tinha de cobrar até pela pela Coca e pela Heroína.

Lá lhe arranjou umas quantas doses de Heroína, com a promessa de pagamento do produto até ao final do mês, sob pena de não lhes fornecer mais e de ser ele a dar contas ao traficante, o que lhe podia valer a vida ou, no mínimo, uma tareia que, além das sequelas, apenas adiaria o seu fim.

Ele prometeu solenemente e cumpriu, voltando a procurá-lo, já com as polícias discretamente no seu encalço, dependendo a detenção apenas de reunirem provas suficientes para tentar prender o Bando de traficantes e acabar com uma das muitas ramificações que, como uma infestante, se espalhava por todo o lado.

Despejavam cuidadosamente a Heroína em pó numa colher de sopa, juntando um pouco de água. Misturavam bem, aquecendo a mistura com um isqueiro sob a colher. Colocavam um tampão vaginal – para servir de filtro – e, à vez, com a agulha espetada no tampão, puxavam a *sopa* para a seringa. Expulsavam todo o ar de modo a não restar qualquer bolha. Colocavam o torniquete num dos braços, nos bíceps, limpavam com um algodão embebido em álcool o local a picar - geralmente na dobra do cotovelo - e

introduziam a agulha na veia, aliviando o torniquete e injetando devagar a droga.

Uma sensação de euforia – como um orgasmo - e conforto retirava-os da realidade que não queriam encarar, levando-os depois a uma sonolência e bloqueamento mental que, ajudando a esquecer por algum tempo o indesejável, acabava com idênticos efeitos aos da Cocaína e com uma ressaca senão igual maior ainda. E, pelo meio, nem o sexo de outrora se aproveitava. Nem o desejo despertava.

Revezavam os braços, para cada um não ficar demasiado marcado ou não criar alguma infeção. Com a frequente repetição isso tornava-se impossível e os resultados visíveis. Se *agarrados* estavam com a Cocaína, já não tinham saída possível com a Heroína. Pareciam mais velhos que os velhotes que se tinham suicidado na água esverdeada da piscina da *terra* e que lhes apareciam nas alucinações, a recriminá-los.

Entre outros efeitos, havia veias colapsadas, infeção nalguns vasos sanguíneos, as gengivas inflamadas, dentes a abanar, uma magreza aterrorizadora, com músculos atrofiados e a capacidade motora diminuída, memória e respiração afetadas, pústulas nas faces… O fosso cavava-se cada vez mais fundo, com sepultura antecipada. Tinham virado autênticos farrapos da condição humana.

Financeiramente, avizinhava-se também o desastre. O dinheiro das heranças quase acabara.

O património dos pais, incluindo as casas de Benfica e da aldeia, tinha sido vendidos ao desbarato. Os seus salários estavam cortados, porque alvo de processos disciplinares com penas de suspensão de funções. As faltas injustificadas tinham começado a acumular-se desde que o Psiquiatra deixara de lhes passar atestados por

teimarem na recusa do tratamento contra a dependência. E, a manter-se a situação – perspetiva provável -, novos processos se avizinhavam, implicando o despedimento da Administração Pública.

Restava-lhes a casa de Queluz e um saldo na conta bancária a caminhar, inexoravelmente, para zero.

Se a morte não chegasse mais depressa que o fim da conta bancária, teriam de vender os bem móveis que ainda possuíam e, finalmente, a sua própria casa, já hipotecada como garantia de um empréstimo que haviam sido obrigados a contrair.

Depois disso, teriam de viver na rua, até serem ceifados pela morte…

14

Ela, sempre Ela, no início de mais um período de ressaca, teve consciência de que a situação de ambos era insustentável e talvez já irreversível.

Para manterem alguma dignidade podiam suicidar-se com uma *overdose* e acabar com tudo. E o suicídio já não era novidade na família, bastava ter a coragem dos pais.

A ideia agradou-lhe a princípio, mas repudiou-a, quase de imediato. Não era mulher para se deixar morrer sem lutar, mesmo sabendo que as hipóteses de recuperação, sobretudo do companheiro, eram quase nulas.

E nunca se iria entregar nas mãos de uma seita que a fizesse renegar todos os seus princípios e valores. Portanto, não havia escapatória.

Lembrou-se, então, de que há quatro anos atrás tinham ido à Feira Medieval, de que já se ouvia os ruídos de fundo. Convenceu-o a fazerem o mesmo percurso. Ele nem vontade própria parecia ter. Seguiu-a, condescendendo.

Tentaram repetir os mesmos passos. Só que agora a Feira estava completamente diferente. Procuraram o terreiro com a fogueira, a Taberna…

Mas nada. Apenas uma série de tascas, que mais pareciam as das festas dos Santos Populares. Da tenda da Bruxa, ou algo parecido, nem vestígios...

O Ferreiro sim, bem mais para o interior, como que escondido, não fazendo parte da Feira. E o cavalo lá estava também. Seria o Afnir? Ela abeirou-se dele, acariciou-lhe a crina e o focinho. Ele reagiu com um piscar de olhos e um olhar doce que parecia acender antigas lembranças.

O Ferreiro deixou por momentos o martelo e ordenou-lhe num gesto e voz rudes, mas sem irritação:

"- Subam!".

Eles subiram para o seu dorso de Afnir. Este andou um pouco mais para o fundo, criou asas, abriu-as e desapareceu no Céu, de novo escuro e húmido. Descendo algures, com Eles estonteados.

Ficaram estupefactos quando se lhes depararam as Senhora da Luz e da Esperança, lado a lado. Sentadas em poltronas de costas esguias, de cores vivas e sombreados, parecendo feitas de luz com os cambiantes do arco-íris.

Com vestidos compridos de uma só cor. Uma de um lilás brilhante e a outra de azul *degradé*, variando da cor forte do mar ao azul celestial. À volta, nada existia exceto duas poltronas menos majestosas que lhes indicaram para se sentarem.

Cumprimentaram, inclinando as cabeças com um breve aceno de boas-vindas. E um sorriso já conhecido.

- Estávamos à vossa espera – disse a Senhora da Luz.

- Para nos castigar, pelo falhanço da nossa missão – disse Ela, com convicção.

- Não, para vos felicitar por terem cumprido a vossa missão e para vos ajudar – disse a Senhora da Esperança.

- Mas, antes de mais, impõe-se uma explicação – continuou a Senhora da Luz - Nós somos Emissárias do Conselho de Guardiões do Universo –, o órgão máximo com poderes para governar o Cosmo, eleito pela esmagadora maioria dos planetas habitados. Contudo, muitos planetas, como a Terra, não possuem ainda o conhecimento suficiente para serem membros qualificados e poderem votar.

- E foi nessa qualidade que, por formas diferentes – como a Donzela nobre e a Bruxa -, entrámos em contacto convosco – prosseguiu a Senhora da Esperança -, de modo a desassossegar as vossas consciências e fazer-vos refletir sobre o que verdadeiramente pretendíamos. E, felizmente, compreenderam não só a mensagem que queiramos que

entendessem como souberam colocá-la em prática da melhor forma possível.

- Sim. Julgo que entendemos e acho que a Comunidade *WeLoveEarth* e o Manifesto foram uma tentativa para concretizarmos a vossa mensagem, mas a verdade é que falhámos no objetivo… - insistiu Ela, assumindo-se mais uma vez como porta-voz do casal. Consciente disso, acrescentou: - Ele está muito mais doente do que eu.

Na verdade Ele estava quase como hibernado, num qualquer recanto do seu próprio eu, apatetado. Ela receou que Ele nem soubesse onde estavam e o que diziam. Mas, ambos pareciam sentir uma calma interior, invulgar nos últimos anos, como se não estivessem em período de ressaca. Ou como se estivessem ainda a viver as alucinações provocadas pela droga?

- Não se preocupe com Ele. Vamos por partes: – agora era, de novo, a Senhora da Luz a falar -, primeiro queremos que saibam que apreciámos muito o vosso gesto de criar uma Comunidade, com um visual e conteúdo apelativos, aproveitando as vossas tecnologias da informação e de redes sociais. E foi um êxito a forma de organização que foram adotando face às circunstâncias. Demonstraram ser capazes de, no terreno, contornar os obstáculos e cativar mais de um milhão de habitantes do planeta Terra. Por isso temos de vos agradecer.

- A culpa de o projeto não ter continuidade não foi vossa – continuava agora a Senhora da Esperança -, mas da impreparação dos terrestres, da sua falta de visão do futuro – que é formatada por quem manda -, mas vocês deixaram as sementes e, em breve, vamos continuar, comunicando diretamente com os Coordenadores que mostraram melhores qualidades e empenho. O nosso tempo é diferente do vosso e temos mais missões a cumprir. Logo voltaremos a tratar da Terra, talvez apostando agora numa formação mais concreta e dando poderes ao Conselho de Coordenadores para atuarem mais decisivamente, mas sem violência. Estamos à espera da deliberação do Conselho

de Guardiões. Quanto a vós, a vossa missão acabou. Fizeram tudo o que podiam, colocando a vossa própria vida em risco…

- É por isso – continuou a Senhora da Luz – que vos vamos nomear, se vocês aceitarem claro, Embaixadores do Conselho de Guardiões do Universo para a Terra, a mesma qualidade que temos de um modo mais amplo. Terão o poder e os meios financeiros adequados para darem Conferências, fazerem Congressos, influenciarem os *Media*, contactar com os Conselhos de Coordenadores para lhes transmitir orientações, etc.. O que implica também, e naturalmente, que nos possam contactar sempre que for necessário. Aceitam?

- Como podemos aceitar – disse Ela, deixando as lágrimas escorrerem pelo rosto – se nos encontramos neste estado degradante?

- Desculpem, esquecemos de vos dizer – retomou a Senhora da Esperança – que a vossa dependência das drogas deixará de existir a partir do momento em que regressem ao vosso Planeta. E nunca mais terão ressacas ou vontade de as ingerir, a não ser álcool e com moderação. Sabem que pelo Universo fora há seres que adoram os vossos produtos vinícolas? Há uma parte do grande comércio da Terra que ninguém controla, nem entra nas contas das exportações. É fácil negociar com alguns terrestres. Nem querem saber para onde vai a mercadoria, apenas lhes importa os dólares que vale. Não estavam à espera desta notícia, pois não?

- Não estávamos não, mas muito menos esperávamos que nos curassem deste vício que nos vai corrompendo e transformando em indignos de nós próprios, sem vontade e personalidade…

- Há vícios de droga, do jogo, de álcool e muitos outros em todo o Universo. O problema é idêntico e uma das razões que justifica a nossa causa: acabar com o lucro sem escrúpulos. Vocês amam-se, mantiveram-se unidos mesmo na desgraça que vos tornou seres decadentes, mas dignos. Agora merecem voltar a viver e, mais do que isso, tornar-se de novo úteis ao Conselho dos Guardiões e ao nosso Universo – sintetizou a Senhora

da Luz.

- Obrigado! – Ela chorava copiosamente. Ele – ainda de lábios cerrados, deixava agora caírem lágrimas grossas sobre o rosto, que escorriam por entre os pelos da barba por fazer há muitos dias.

- Não queremos que chorem. Vocês terrestres são demasiado sensíveis e emotivos – continuou agora a Senhora da Esperança -. Têm um corpo com um sistema nervoso demasiado ramificado, até ao mais ínfimo capilar. É por isso que sofrem e vivem mais intensamente. Mas voltando à nossa proposta, esclarecidos que estão, ao que parece, apesar dos vossos receios aceitam a nossa proposta?

- Aceitamos, claro – respondeu Ela enquanto perscrutava a reação Dele, que se limitou a assentir com a cabeça -, mas…

- Mas? – Indagou a Senhora da Luz.

- Aceitamos, mas quase não temos dinheiro para droga como vamos agora aparecer com as posses que fazem parte da qualidade de Embaixadores?

As Senhoras deram uma gargalhada em simultâneo. Demonstravam, mais uma vez, que a escolha tinha sido acertada. Só Eles para se questionarem da posse de uns milhões que, para outros, nem se importariam de saber a origem.

- Não se preocupem com isso – voltou a Senhora da Esperança -. Para ficarem mais descansados, no próximo mês o jogo a que chamam Euromilhões irá ter uma quantia de cento e vinte milhões de euros. Joguem quando o prémio atingir esse montante e quando o receberem transfiram-no para o vosso Banco. Façam-no o mais discretamente possível. Mudem para outro País e confiem num Consultor Financeiro que vos há de procurar e se apresentar com a senha "Amigo do Afnir". O resto fica por conta dele. Nós sabemos mais de finanças que os vossos financeiros. E os vossos rendimentos serão ainda mais substanciais.

Ambas as Senhoras sorriam desde que tinham referido a senha "… Afnir". Eles estavam incrédulos. Quer pela cura, quer pela riqueza, embora uma fortuna funcional com fins determinados para continuar ao serviço do Conselho de Guardiões do Universo. Mas, como no passado, acreditavam que tinham sido escolhidos e que o seu destino estava traçado.

Só não entendiam porque tiveram de sofrer as vicissitudes do vício das drogas, quando podiam desde logo, terem sido excluídos desse calvário. Eles e a família. A resposta, expectável, veio de seguida.

- Há atos para os quais não temos poderes – esclareceu a Senhora da Luz -. Como já dissemos, o nosso tempo é diferente do vosso. E não podemos interferir com a vida das pessoas, com a sua vontade e conduta. Temos de respeitar sempre as suas decisões, por mais erradas que nos possam parecer. Ficar viciado, na droga, no álcool, no jogo, etc.., são situações que não podemos controlar. Agora, como neste caso, se um representante nosso nos vier pedir ajuda, de livre vontade, podemos e devemos prestar esse apoio. Poderiam ter vindo mais cedo, mas isso agora também não importa e, muito menos, vos deve culpabilizar. O tempo atual é de mudança e felicidade para vocês, com esquecimento de todos os males do passado.

- Está tudo esclarecido agora? – Perguntou a Senhora da Esperança.

- Sim, está – Disse Ela, olhando para o companheiro - e comungando com Ele ainda apenas com o olhar – e aceitamos a honrosa nomeação como Embaixadores. Esperamos, sinceramente, usar os meios que nos colocam à disposição para servir exclusivamente a causa que nos une.

- Para servir a causa e também para viverem a vossa vida de sonho. A vossa felicidade e bem-estar são a chave para o bom desempenho da vossa nova missão –

rematou a Senhora da Luz.

- Vão voltar agora à Terra, mas lembrem-se que, a partir de agora, acabaram as angústias, o trabalho que odeiam, tudo o que possa interferir negativamente com as vossas vidas e com a vossa missão. Ficam apenas ao serviço do Conselho de Guardiões do Universo. Contamos convosco! - Concluiu a Senhora da Esperança.

Eles levantaram-se, com alguma dificuldade, apoiando-se mutuamente. Despediram-se das Senhoras da Luz e da Esperança, com um aceno, enquanto "embarcavam" no Afnir.

Voltaram, de um modo já conhecidos. Apeados do Afnir, ainda deram uma volta por parte da Feira Medieval, apanhando o fresco da noite, ainda húmida, mas beneficiando, agora, de uma boa iluminação elétrica.

Andaram sem palavras, de mãos dadas, apenas olhando, com alguma consternação, os produtos expostos. Antes de sair, uma tabanca vendia pregos e cerveja com publicidade atual – ridículo.

Mas tinham fome. E comeram mesmo um prego no pão e beberam um fino bem fresco, não fossem as ideias aquecer demasiado.

Um Arlequim – tipo bobo da Corte -, vestido de cores vivas e berrantes e um chapéu de quatro bicos caídos, dançava e trauteava qualquer coisa impercetível, imitando-lhes os gestos, rebolando-se depois no chão, às gargalhadas.

15

Voltados a casa, sentaram-se em frente da Televisão, sem a ligar. Olharam um para o outro, indagando-se, mas a questão que lhes percorria o cérebro, indo e vindo, parecia a mesma de ambos:

- Sentes ressaca?
- Acho que não e tu?
- Também não.
- É possível?
- Não sei, já não sei nada…

Ele levantou-se e foi à casa de banho. Passados breves instantes soltou um grito. Ela acorreu, de imediato, temendo o pior…

- Já viste a minha cara?
- Não acredito! Pareces ter 30 anos…
- Experimenta também passar água na…
- Meu Deus. Fiquei como tu!

E desataram a chorar como crianças. As promessas das Senhoras da Luz e da Esperança estavam a ser cumpridas.

Voltaram à sala, agora abraçados, rejuvenescidos em tudo, até no apetite que voltara para o amor que faziam e consolidava a sua união.

Nessa noite, dormiram calmos, como há anos não lhes acontecia, nus, recebendo o calor um do outro, roçando-se, instigando o sexo, que foi surgindo, sorrateiro, até o cansaço os vencer, mas fazer sonhar...

……

Três semanas depois, a televisão anunciava que ninguém acertara no Euro Milhões. O prémio agora, acumulado, era de 120 milhões de euros. Jogaram um Boletim inteiro, não que tivessem dúvidas mas assim ficaria mais fácil de aceitar caso acertassem. E acertaram mesmo.

A vida, como programado, teria de mudar. Resolveram ir até Paris, França. Sempre fora o país das liberdades e ali poderiam exercer melhor as suas funções de Embaixadores do Conselho de Guardiões do Universo.

O Consultor encontrou-se com Eles no Hotel onde se haviam hospedado. Além de algumas decisões de natureza financeira, havia que arranjar uma casa condigna.

Optaram por uma discreta mansão nos arredores de Paris, mas com todos os requintes e comodidades que alguém poderia desejar, perto de um heliporto, donde poderiam aceder rapidamente ao aeroporto *Charles de Gaulle* ou a outro local não demasiado distante.

Começaram, quase de imediato, a estabelecer contactos com os novos Coordenadores, cujos endereços lhes eram enviados pelas Senhoras da Luz e da Esperança, da Holanda ou da Suíça, mas sabe-se lá de onde e como eram manipulados os Servidores de *Correio Eletrónico*.

Apesar da crise global do Planeta que, em muito, contribuíra para o inêxito do projeto *WeLoveEarth*, agora a Terra continuava assolada por graves problemas, com destaque para os refugiados que *entupiam* a União Europeia, trazendo ao de cima egoísmos e preconceitos.

O tempo Deles era ocupado a conversar com os Conselhos de Coordenadores, transmitindo-lhes orientações, ajudando-os a estabelecer estratégias específicas ou globais e a tentar influenciar decisões dos políticos mais importantes, apresentando-se

como consultores, conselheiros ou investidores, apoiados pelos coordenadores melhor posicionados socialmente ou com acesso aos meios políticos e dos negócios, por vezes também com a intervenção do Consultor Financeiro.

……

- Temos de vender a casa de Queluz, não temos?

- Pois, temos mesmo e…

……

Apesar do tempo que lhes ocupava a causa, voltavam a ser felizes. Apenas as sombras do passado. Sobretudo a morte precoce dos pais, sem que os tivessem podido ajudar… Mas porque também não tinham podido ajudar-se a Eles próprios. Nem ninguém.

Tinham resolvido os processos disciplinares que persistiam, em teias legais, mais ou menos tecidas para uma realidade que já pouco ou nada lhes dizia.

Pediram a rescisão dos respetivos contratos, pondo termo aos processos, não sem o incómodo de uns quantos que se realizavam na condenação e expiação de pecados alheios.

Agora, senhores dos seus próprios destinos, dedicando-se a si e aos outros, sem horários e sem "patrões", sentiam-se inteiramente realizados

……

Sentados, confortavelmente, perante uma gigantesca televisão 3D, com ligação à internet e que lhes permitia também videoconferência, Ela estendeu-se no sofá

colocando os pés sobre as pernas Dele. Esqueceram o ecrã.

Com a casa climatizada, haviam retomado o hábito de vestir apenas t-shirts. Ele acariciou-lhe os pés, subindo, lentamente, pelas pernas, massajando-as com as pontas dos dedos. Entrando pelo interior delas, sob a t-shirt, os dedos encontraram um vulcão derramando lava.

Ele ergueu-se, colocando-se sobre o corpo Dela, apoiando-se nos braços, e beijo-a suavemente, enquanto a penetrava. E ficaram assim, quase imóveis, sentindo-se. Os lábios e as línguas. Ele os mamilos duros Dela no seu peito e ambos as contrações e os espasmos dos seus sexos. O orgasmo surgiu como um meteorito que entra na atmosfera, incendiando a matéria, enquanto rasga o Céu como uma estrela cadente.

Acoitaram-se abraçados no sofá, esgotados de energia, de rostos colados. Ao cabo de muitos minutos, sussurraram ao ouvido um do outro:

- Ainda sentes necessidade de droga? – Perguntou Ele.

- Sim e não…

- Como é isso possível?

- Já não me sinto viciada na droga, mas sinto a areia fugir de mim, levando-me para o mar…

- Então não entendo… - Voltou Ele, num tom já de preocupação, mas mordiscando-lhe a orelha.

- Agora continuo dependente de um vício que *agarra* ainda mais do que a droga – Retorquiu Ela, denunciando uma voz cansada e uma ternura sem limites -. Quero lembrar-me de ti sempre assim, contigo ao meu lado…

- E estarei sempre, sabes isso. Porque…

- Porque?

- Porque o meu vício és tu!

- …

Epílogo

Eu e Ela. Éramos então jovens, com ganas de mudar o Mundo. Mas depressa aprendemos a sobreviver no quotidiano banal. No faz de conta e na futilidade da vida mundana.

Fomos substituindo os sonhos por efémeros prazeres, por uma outra realidade, cada vez mais ausentes de nós. O bem-estar breve, as alucinações que faziam esquecer, que nos projetavam para espaço sideral, em lugar nenhum. Algures, num recôndito canto do nosso cérebro estafado e confuso.

Da marijuana à cocaína e à heroína, percorremos a via-sacra mais dolorosa. E o Mundo não mudava, mas ficava diferente. A indiferença de quem nos ia rotulando, excluindo, até ficarmos apenas donos de um corpo que já não nos obedecia.

Foi na praia de Algés – onde passámos tantas noites a contar estrelas ao som da música latino-americana -, suja das gentes e dos cães e pelo *rio-mar* – retribuindo os detritos neles lançados -, que dormimos a última noite. Embrulhados na velha manta herdada dos *velhos*, surrada pelo tempo e pelo uso de dois sem abrigo, que teimavam, penosamente, em mover-se pela Capital à cata de uns trocos para alimentar o vício.

Insuportáveis eram as tardes e noites de ressaca, em que até os ossos, que juntávamos um ao outro, doíam de nudez, Sobretudo de vergonha por impudor da nossa autoestima.

A noite estava escura e fria. A Lua Nova e o céu nublado haviam feito desaparecer toda a paisagem dos arredores. Apenas uns focos de luz difusos dos candeeiros públicos e do restaurante mexicano, coados pelo nevoeiro vindo

do Bugio. Uma aragem, intermitente, fustigava a praia, obrigando-nos a enterrarmos os gorros e a colar ainda mais os corpos descarnados.

Meia dúzia de raios rasgaram o nevoeiro, ziguezagueando sob o céu de chumbo, com estrondos que abafaram o zunido da Ponte 25 de Abril, a música e as roncas dos barcos que atravessavam o Tejo, fazendo estremecer a terra. Um feixe de luz, que se confundiu com a dos relâmpagos, atravessou, por segundos, o espaço, entrou na manta e percorreu o Teu corpo, dos pés à cabeça. De imediato, juntando-se a um raio ascendente, que Te fez desaparecer pelo nevoeiro e pela noite.

Senti um arrepio, que me percorreu a espinha, quando a Tua face iluminada, me olhou e sorriu, ficando assim, por momentos, naquela luminescência de cadáver feliz. O Teu corpo tinha gelado.

Desenrolei a manta, libertando-me, sem vontade própria. Apenas determinado pelo instinto de sobrevivência. Beijei-Te os olhos, as faces, os lábios, aquecendo-me na Tua gélida rigidez cadavérica...

E perdi-me pela noite, caminhando por Lisboa. A princípio, sem rumo certo, mas depois apercebendo-me que tinha um objetivo predefinido, traçado por Ti e palmilhei-o, de dia e de noite, até que…

…….

Descansei a cabeça no tapete de relva já sem cor. De um lado, a seringa de heroína acabada de usar. Do outro, a garrafa de whisky barato, bebida nas sombras do entardecer.

Os cisnes haviam recolhido para o fundo do lago. Um ou outro pato grasnava ainda, como que querendo fazer prevalecer o seu lugar no sono que se avizinhava.

Os nenúfares buliam com a aragem, brilhando intermitentes sob os raios de uma Lua pálida, em quarto minguante. Os peixes, também descoloridos, nadavam lentamente, observando o ciclo de repouso.

Olho o Céu, anoitecido, e já não conto as Estrelas. Sei agora que cada uma está no seu lugar, alumiando e aquecendo uma pequena parte do Universo. Um insignificante bocado de uma Galáxia. Aprendi que nunca poderei compreender o Cosmo, em todas as suas dimensões, enquanto simples mortal.

Sei que vou, finalmente, viajar por ele, com a mente liberta deste corpo deformado e apodrecido. Talvez me redima do tempo perdido, inexoravelmente, da vida que não vivi, dos bocados perenes, mas intensos e saborosos, de que não me apercebi e deixei cair em estilhaços. Nem senti os cacos a desfazerem-se sob os pés. Estive ausente da vida. Longe de mim. Quase sempre.

Sinto uma euforia invulgar e o corpo abandona-me já. Fica. Eu vou. De olhos já cerrados, sei que Tu me busca, que me vais levar. Tu, o meu amor de sempre, o meu vício mais forte

Amanhã, alguém encontrará um corpo sem vida e desencadeará o ritual dos indigentes, breve e simples, até a uma vala comum. Já não estarei cá para ver o que restou de mim…

…….

Uma estrela cadente descreveu um círculo sobre o lago e jardim, iluminando depois o corpo, como se o beijasse por uma última vez, e regressou mais intensa ao lugar de onde viera.

Os cisnes, patos e sapos e rãs, depois de um alarido desusado, voltaram a adormecer. E os peixes, de olhos abertos, retomaram o seu descanso habitual.

1ª Edição

Odivelas, novembro de 2018

IGAC, Registo 297/2015

© Avelino Rosa, 2016

Resumo biográfico

Nasceu, a 17-06-1953, em São Caetano, Concelho da Madalena, Ilha do Pico, Região Autónoma dos Açores. Estudou no Liceu Nacional da Horta e viveu nesta cidade até 1972. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. Funcionário público desde 1973, sendo Assessor Principal da carreira de Consultor Jurídico, na área da Cultura. Viveu em Macau, cerca de 15 anos, tendo exercido funções na Administração Pública do Território como Técnico Superior, Chefe do Departamento Técnico Jurídico e Subdiretor do Serviço de Administração e Função Pública, Vogal do Tribunal Administrativo e, cerca de nove anos, Diretor Municipal do Leal Senado. Membro da Direção do Clube Náutico de Macau durante oito anos, três dos quais como Presidente.

Publicações

- Diversos artigos em Revistas e Jornais.
- Os Municípios em Macau - Livros do Oriente, 1999.
- Macau (Via Hong Kong), um Romance de Amor - Editorial Diferença, 2002.
- Nas Asas da Net – Chiado Editora, 2015.
- Retalhos de Lava – e-Book, 2016, e versão impressa de 2018, AMAZON.
- O Meu Vício És Tu – e-Book, 2016 e versão impressa de 2018, AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol I – e-Book, 2016 e versão impressa de 2019. AMAZON.

- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol II – e-Book, 2016 e versão impressa de 2020. AMAZON.

- Contos e outros Textos – e-Book e versão impressa, 2020, AMAZON.

- Vidas de Bruma - e-Book e versão impressa, 2022, AMAZON.

Página pessoal e Contactos

Página pessoal: **http://www.avelinorosa.com**

Procurar no "Google" ou noutro motor de busca por Avelino Rosa.

Email: **avelinorosa069@gmail.com**